

Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes

Curso de Mestrado Integrado em Arquitectura

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura

A CULTURA COMO INFLUÊNCIA DA REABILITAÇÃO E REVITALIZAÇÃO
DO CENTRO HISTÓRICO DE PORTIMÃO.

O TEATRO EXPERIMENTAL - ESPAÇO CULTURAL BOA ESPERANÇA.



Filipe Miguel Costa dos Reis

Orientação

Prof. Doutor Arq. Miguel João Mendes do Amaral Santiago Fernandes

Janeiro 2015

FILIPE MIGUEL COSTA DOS REIS

**A CULTURA COMO INFLUÊNCIA DA REABILITAÇÃO E
REVITALIZAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE
PORTIMÃO. O TEATRO EXPERIMENTAL – ESPAÇO
CULTURAL BOA ESPERANÇA.**

Dissertação defendida em provas públicas no Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, no dia 02/03/2015 perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação nº. 01/2015, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof. Doutor Luiz Filipe Pires Conceição

Vogais:

Prof. Doutor Hugo Philipe H. Nazareth
Fernandes de Cerqueira (Arguente)

Orientador:

Prof. Doutor Miguel João Mendes do Amaral
Santiago Fernandes

Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes

Portimão

2015

Resumo

O presente trabalho tem como objecto de estudo o tema da reabilitação do património, como um instrumento que contribui para a manutenção de uma memória colectiva que importa adaptar para a realidade dos dias de hoje. Neste sentido, dá-se importância à questão da reconversão de usos como meio de intervir no património antigo, possibilitando a reutilização de antigas estruturas edificadas na sociedade actual. Este tema permite a reflexão acerca do pensamento arquitectónico e urbanístico da cidade, com base na memória e no passado.

Um dos objectivos desta proposta é tentar perceber quais as necessidades da cidade de Portimão, propondo a criação de um espaço que sirva, não só um grupo limitado de pessoas, mas sim, que contribua para a união da população.

Outro ponto é conhecer a importância que as sociedades recreativas tiveram e continuam a ter para a divulgação de culturas locais e junção de populações. Qual o impacto que tiveram quando foram criadas, e qual o seu papel para as populações actuais? Visto que estas se encontram em enormes dificuldades de continuar a trabalhar em prol da sociedade, será que a reabilitação do edifício do Boa Esperança permite dinamizar de novo uma zona da cidade, que em tempos já foi bastante movimentada, e trazer de novo as memórias de um povo passado através dos novos tempos, novas tecnologias e novos tipos de actividades?

No fundo, o objectivo é tentar perceber a importância da reabilitação do património como instrumento que assegura a manutenção da memória, ou seja, a memória de um passado que importa transpor para o futuro.

Palavras-chave: Revitalização Urbana; Centro histórico de Portimão; Requalificação do Espaço Público; Igreja Matriz; Edifício Multifuncional.

Abstract

This project's study subject is the rehabilitation of cultural heritage, as an instrument that contributes to the preservation of a collective memory that needs to be adapted to today's reality. With this in mind, we come across the importance of the subject of converting use as a mean to intervene in ancient heritage, making it possible to reuse old built structures in current society. This topic allows for reflection about architectural and urban thinking of a city, based upon memory and past.

One of the goals of this proposition is to try to understand which are the needs of the city of Portimão, suggesting the creation of a space that serves not just a limited group of people, but contributes to unifying the population.

Another goal is to get to know the importance that recreational centers had and still have in the advertising of cultural sites and gathering of the community. What impact did they have when they were first created, and what is their role in current communities? Given that these are in dire straights as to continue their work for the benefit of society, would the rehabilitation of the Boa Esperança building revitalize an area of the city, which was once very busy, and bring back the memories of a people through modern times, modern technologies and new kinds of activities?

Deep down, the goal is to try to understand the importance of cultural heritage rehabilitation as an instrument that assures the preservation of memory, meaning, the memory of a past that we should transfer onto the future.

Key words: Urban Revitalization; Historic Center of Portimão; Requalifying Public Space; Mother Church; Multifunctional Building.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, Prof. Doutor Arq. Miguel João Mendes do Amaral Santiago Fernandes, pelos conhecimentos, ajuda, revisão e orientação;

Aos professores, colegas e amigos, que directa ou indirectamente, ajudaram na realização desta dissertação;

À actual direcção do Boa Esperança, por toda a disponibilidade e ajuda dada;

À minha família pela motivação, compreensão e força com que sempre me acompanharam;

Aos amigos, que algumas vezes privei da minha companhia e atenção;

Ao meu irmão por toda a ajuda e apoio dado ao longo do percurso académico;

Por último, mas aos mais importantes, aos meus pais pela inspiração, compreensão, apoio e ensino diário.

Índice

Capítulo I	20
1.1 Introdução.....	20
1.2 Desenvolvimento de Portimão	23
Capítulo II	27
2.1 Casos de estudo	27
2.1.1 Edifícios reabilitados:	27
2.1.1.1 GNRATION.....	27
2.1.1.2 Centro de Arte Contemporânea Graça Morais.....	30
2.1.1.3 Cineteatro Almadense	33
2.1.1.4 Cineteatro Olga Cadaval	35
2.1.2 Salas de teatro experimental:.....	39
2.1.2.1 Sala de Teatro Experimental Octávio Trias.....	39
2.1.2.2 Teatro Vila Velha.....	40
Capítulo III	42
3.1 Estado da Arte.....	42
Capítulo IV	45
4. 1 Centro histórico de Portimão	45
4.1.1 Um Olhar Sobre a Cidade.....	45
4.1.2 Diagnóstico prospectivo da área de intervenção e sua contextualização na visão estratégica de desenvolvimento da cidade.....	46
4.1.3 Delimitação e caracterização do centro histórico de Portimão	47
4.1.4 Delimitação e caracterização da área de intervenção	49
Capítulo V	54
5.1 História do Edifício	54
5.2 Caracterização do Edifício.....	56
5.2.1 História do local	56
5.2.2 Desenvolvimento do Alçado	57
5.2.3 Caracterização dos Pisos.....	59
Capítulo VI	62

6.1 Proposta.....	62
6.1.1 Problemática.....	62
6.2 Memória Descritiva da Proposta	63
6.2.1 Conceito	63
6.3. Descrição dos pisos.....	67
6.4 Esquemas de Organização da Sala de Espectáculos.....	73
6.5 Estudo do Alçado	75
6.6 Intervenção na Envolvente	77
Capítulo VII	79
7.1 Considerações Finais.....	79
Referências Bibliográficas.....	84
Anexos	87

Índice de Imagens

Imagem 1 – Mapa da implantação Romana, e orla costeira, durante o império Romano. Fonte: Museu de Portimão. **(Pág. 23)**

Imagem 2 – Mapa referente a São Lourenço da Barrosa, e evolução da orla costeira, século XV, 1430. Fonte: Museu de Portimão. **(Pág. 23)**

Imagem 3 – Mapa referente à Vila Nova de Portimão, após construção das muralhas, e evolução da orla costeira, século XVI, 1540. Fonte: Museu de Portimão. **(Pág. 24)**

Imagem 4 - Mapa referente à Vila Nova de Portimão, e evolução da orla costeira, século XVII, 1617. Fonte: Museu de Portimão. **(Pág. 24)**

Imagem 5 – Mapa da Cidade de Portimão, já com as pontes sobre o rio, e evolução da orla costeira, século XX, 1980. Fonte: Museu de Portimão. **(Pág. 25)**

Imagem 6 – GNRATION, Sala de espectáculos, Black Box, Arq.º Carvalho Araújo, Braga, 2011. Fonte: <http://www.carvalhoaraujo.com/pt/projectos/projectos/gnracion.html?#>. **(Pág. 27)**

Imagem 7 – GNRATION, Maquete da vista da intervenção no pátio, Arq.º Carvalho Araújo, Braga, 2011. Fonte: <http://www.carvalhoaraujo.com/pt/projectos/projectos/gnracion.html?#>. **(Pág. 27)**

Imagem 8 - GNRATION, Ligação do edifício existente com o novo – Interior, através de nova estrutura metálica, Arq.º Carvalho Araújo, Braga, 2011. Fonte: <http://bragacool.com/sair/gnracion-quartel-criativo>. **(Pág. 28)**

Imagem 9 - GNRATION, Novo corpo metálico e intervenção no alçado existente, Arq.º Carvalho Araújo, Braga, 2011. Fonte:

<http://www.carvalhoaraujo.com/pt/projectos/projectos/gnracion.html?#>. **(Pág. 28)**

Imagem 10 – GNRATION, Maquete da intervenção no alçado existente, Arq.º Carvalho Araújo, Braga, 2011. Fonte: <http://www.carvalhoaraujo.com/pt/projectos/projectos/gnracion.html?#>. **(Pág. 29)**

Imagem 11 - Centro de Artes Contemporâneas Graça Morais, Alçado do edifício novo, Arq.º Eduardo Souto Moura, Bragança, 2008. Fonte: <http://www.afaconsult.com/portfolio/61111/92/centro-de-arte-contemporanea-graca-morais>. **(Pág. 30)**

Imagem 12 - Centro de Artes Contemporâneas Graça Morais, Vista do edifício novo para o edifício existente, Arq.º Eduardo Souto Moura, Bragança, 2008. Fonte: <http://www.afaconsult.com/portfolio/61111/92/centro-de-arte-contemporanea-graca-morais>. **(Pág. 30)**

Imagem 13 - Centro de Artes Contemporâneas Graça Morais, Vista do edifício existente para o edifício novo, Arq.º Eduardo Souto Moura, Bragança, 2008. Fonte: <http://www.afaconsult.com/portfolio/61111/92/centro-de-arte-contemporanea-graca-morais>. **(Pág. 30)**

Imagem 14 - Centro de Artes Contemporâneas Graça Morais, Reabilitação do edifício existente, estrutura metálica, Arq.º Eduardo Souto Moura, Bragança, 2008. Fonte: <http://www.afaconsult.com/portfolio/61111/92/centro-de-arte-contemporanea-graca-morais>. **(Pág. 31)**

Imagem 15 - Centro de Artes Contemporâneas Graça Morais, Reabilitação do edifício existente, estrutura metálica, Arq.º Eduardo Souto Moura, Bragança, 2008. Fonte: <http://www.afaconsult.com/portfolio/61111/92/centro-de-arte-contemporanea-graca-morais>. **(Pág. 31)**

Imagem 16 - Centro de Artes Contemporâneas Graça Morais, Reabilitação do edifício existente, estrutura metálica, Arq.º Eduardo Souto Moura, Bragança, 2008. Fonte: <http://www.afaconsult.com/portfolio/61111/92/centro-de-arte-contemporanea-graca-morais>. **(Pág. 31)**

Imagem 17 - Centro de Artes Contemporâneas Graça Morais, Alçado-Corte da intervenção (existente vs novo), Arq.º Eduardo Souto Moura, Bragança, 2008. Fonte: <http://www.afaconsult.com/portfolio/61111/92/centro-de-arte-contemporanea-graca-morais>. **(Pág. 32)**

Imagem 18 – Cineteatro Almadense, Sala de espectáculos | Arq.º José Luís Amaro – Planinfinito, Almada, 2014. Fonte: <http://construcaoreabilitacao.wordpress.com/2014/09/29/reabilitacao-do-cine-teatro-da-academia-almadense-pela-betonit/>. **(Pág. 33)**

Imagem 19 - Cineteatro Almadense, Alçado, Arq.º José Luís Amaro – Planinfinito, Almada, 2014. Fonte <http://construcaoreabilitacao.wordpress.com/2014/09/29/reabilitacao-do-cine-teatro-da-academia-almadense-pela-betonit/>. **(Pág. 33)**

Imagem 20 - Cineteatro Almadense, Corte da intervenção, Arq.º José Luís Amaro – Planinfinito, Almada, 2014. Fonte <http://construcaoreabilitacao.wordpress.com/2014/09/29/reabilitacao-do-cine-teatro-da-academia-almadense-pela-betonit/>. **(Pág. 34)**

Imagem 21 - Cineteatro Olga Cadaval, Fachada inicial do então Cineteatro Carlos Manuel, Arq.º Manuel Norte Júnior, Sintra, 1948. Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2013/09/cine-teatro-carlos-manuel.html>. **(Pág. 35)**

Imagem 22 - Cineteatro Olga Cadaval, Foyer do então Cineteatro Carlos Manuel, Arq.º Manuel Norte Júnior, Sintra, 1948. Fonte:

<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2013/09/cine-teatro-carlos-manuel.html>. **(Pág. 36)**

Imagem 23 - Cineteatro Olga Cadaval, Vista do palco para a plateia do então Cineteatro Carlos Manuel, Arq.º Manuel Norte Júnior, Sintra, 1948. Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2013/09/cine-teatro-carlos-manuel.html>. **(Pág. 36)**

Imagem 24 - Cineteatro Olga Cadaval, Vista do palco para a plateia do então Cineteatro Carlos Manuel, Arq.º Manuel Norte Júnior, Sintra, 1948. Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2013/09/cine-teatro-carlos-manuel.html>. **(Pág. 36)**

Imagem 25 - Cineteatro Olga Cadaval, Reabilitação fachada Cineteatro, Olga Cadaval, Arq.º João Monteiro Andrade e Sousa, Arq.º Miguel Andrade e Sousa, Sintra, 2008. Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2013/09/cine-teatro-carlos-manuel.html>. **(Pág. 37)**

Imagem 26 - Cineteatro Olga Cadaval, Foyer actual, Cineteatro Olga Cadaval, Arq.º João Monteiro Andrade e Sousa, Arq.º Miguel Andrade e Sousa, Sintra, 2008. Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2013/09/cine-teatro-carlos-manuel.html>. **(Pág. 37)**

Imagem 27 - Cineteatro Olga Cadaval, Vista do palco para a plateia, Cineteatro Olga Cadaval, Arq.º João Monteiro Andrade e Sousa, Arq.º Miguel Andrade e Sousa, Sintra, 2008. Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2013/09/cine-teatro-carlos-manuel.html>. **(Pág. 37)**

Imagem 28 - Sala de Teatro Experimental Octávio Trias, Vista do balcão para a sala e zona de representação, Centro Cultural Paso del Norte, Arq.º Alfonso Escárcega Gracia, México, 2006. Fonte: <http://noticias.arquived.com.mx/shwArt.ared?idArt=719>. **(Pág. 39)**

Imagem 29 - Sala de Teatro Experimental Octávio Trias, Vista da plateia para a zona de representação, Centro Cultural Paso del Norte, Arq.º Alfonso Escárcega Gracia, México, 2006. Fonte: <http://noticias.arquired.com.mx/shwArt.ared?idArt=719>. **(Pág. 39)**

Imagem 30 - Sala de Teatro Experimental Octávio Trias, Perspectiva da sala, Centro Cultural Paso del Norte, Arq.º Alfonso Escárcega Gracia, México, 2006. Fonte: <http://www.ccpn.mx/porque-el-centro-cultural-paso-del-norte/>. **(Pág. 39)**

Imagem 31 – Teatro Vila Velha, Vista do Balcão da sala, Arq.º Carl Von Hauenschild, Brasil, 1998. Fonte: <http://www.teatrovilavelha.com.br/informacoes-tecnicas>. **(Pág. 40)**

Imagem 32 – Teatro Vila Velha, Vista da Sala, Arq.º Carl Von Hauenschild, Brasil, 1998. Fonte: <http://www.teatrovilavelha.com.br/informacoes-tecnicas>. **(Pág. 40)**

Imagem 33 – Teatro Vila Velha, Vista da Sala Experimental, Arq.º Carl Von Hauenschild, Brasil, 1998. Fonte: <http://blogdovila.blogspot.pt/2014/03/o-vila-esta-fervendo-oficinas.html>. **(Pág. 40)**

Imagem 34 - Teatro Vila Velha, Organização Tipo 1. Fonte: <http://www.teatrovilavelha.com.br/informacoes-tecnicas>. **(Pág. 41)**

Imagem 35 - Teatro Vila Velha, Organização Tipo 2. Fonte: <http://www.teatrovilavelha.com.br/informacoes-tecnicas>. **(Pág. 41)**

Imagem 36 - Teatro Vila Velha, Organização Tipo 3. Fonte: <http://www.teatrovilavelha.com.br/informacoes-tecnicas>. **(Pág. 41)**

Imagem 37 - Teatro Vila Velha, Organização Tipo 4. Fonte: <http://www.teatrovilavelha.com.br/informacoes-tecnicas>. **(Pág. 41)**

Imagem 38 - Teatro Vila Velha, Organização Tipo 5. Fonte: <http://www.teatrovilavelha.com.br/informacoes-tecnicas>. **(Pág. 41)**

Imagem 39 - Teatro Vila Velha, Organização Tipo 6. Fonte: <http://www.teatrovilavelha.com.br/informacoes-tecnicas>. **(Pág. 41)**

Imagem 40 – Desenho do perfil da cidade de Portimão, século XVIII. Fonte: https://www.facebook.com/portimaoantigo/photos_stream. **(Pág. 45)**

Imagem 41 – Perfil da cidade, com a igreja em destaque no ponto mais alto, século XIX. Fonte: https://www.facebook.com/portimaoantigo/photos_stream. **(Pág. 50)**

Imagem 42 – Igreja Matriz, século XIX. Fonte: https://www.facebook.com/portimaoantigo/photos_stream. **(Pág. 50)**

Imagem 43 – Alameda da República, vista para as duas principais igrejas da cidade. Fotografia: Filipe Reis. **(Pág. 51)**

Imagem 44 – Troço da muralha da cidade, século XIX, inserida no actual Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes. Fonte: https://www.facebook.com/portimaoantigo/photos_stream. **(Pág. 51)**

Imagem 45 – Largo da igreja, Fachada da igreja e do Boa Esperança, século XIX. Fonte: https://www.facebook.com/portimaoantigo/photos_stream. **(Pág. 52)**

Imagem 46 – Vista do actual largo da igreja. Fotografia: Filipe Reis. **(Pág. 52)**

Imagem 47 – Rua Direita, com antiga sede do Boa Esperança, último prédio de dois pisos, do lado direito, ano de 1950. Fonte: https://www.facebook.com/portimaoantigo/photos_stream. **(Pág. 54)**

Imagem 48 – Rua Professor José Buísel, com antiga sede do Boa Esperança, ao centro. Fotografia: Filipe Reis. **(Pág. 54)**

Imagem 49 – Rua Júdice Fialho, com antiga sede do Boa Esperança, primeiro piso. Fotografia: José Garrancho. **(Pág. 55)**

Imagem 50 – Largo da igreja, com actual sede do Boa Esperança, primeiro piso. Fotografia: Filipe Reis. **(Pág. 55)**

Imagem 51 – Rua do Bispo D. Afonso Castelo Branco, actual sede do Boa Esperança, início dos anos 90. Fotografia: José Garrancho. **(Pág. 56)**

Imagem 52 – Rua do Bispo D. Afonso Castelo Branco, edifícios da actual sede do Boa Esperança. Fotografia: Filipe Reis. **(Pág. 57)**

Imagem 53 – Rua do Bispo D. Afonso Castelo Branco, edifícios da actual sede do Boa Esperança. Fotografia: Filipe Reis. **(Pág. 57)**

Imagem 54 – *Foyer* de entrada do Boa Esperança. Fotografia: Filipe Reis. **(Pág. 58)**

Imagem 55 – Escadaria de acesso ao piso superior, sede do Boa Esperança. Fotografia: Filipe Reis. **(Pág. 58)**

Imagem 56 – Zona de arrumos do Boa Esperança. Fotografia: Filipe Reis. **(Pág. 58)**

Imagem 57 – *Foyer* principal com entrada para a sala de espectáculos do Boa Esperança. Fotografia: Filipe Reis. **(Pág. 59)**

Imagem 58 – Zona do bar com vista para o balcão. Fotografia: Filipe Reis. **(Pág. 59)**

Imagem 59 – Sala de espectáculos, com vista para o palco, do Boa Esperança. Fotografia: Filipe Reis. **(Pág. 59)**

Imagem 60 – Vista da régie para o palco do Boa Esperança. Fotografia: Filipe Reis. **(Pág. 60)**

Imagem 61 – Vista do balcão do lado direito para o palco do Boa Esperança. Fotografia: Filipe Reis. **(Pág. 60)**

Imagem 62 – Vista da varanda do Boa Esperança para a igreja. Fotografia: Filipe Reis. **(Pág. 60)**

Imagem 63 – Render da proposta, Vista do corredor para o foyer principal, Piso térreo. Render: Filipe Reis, Tiago Vinhas. **(Pág. 67)**

Imagem 64 – Render da proposta, Vista do *foyer* principal para o novo corredor e a igreja no exterior, Piso térreo. Render: Filipe Reis, Tiago Vinhas. **(Pág. 67)**

Imagem 65 – Render da proposta, Vista da bilheteira para a porta principal, perspectiva das colunas e da escada de acesso ao primeiro piso, Piso térreo. Render: Filipe Reis, Tiago Vinhas. **(Pág. 68)**

Imagem 66 – Render da proposta, Vista da entrada de artistas, com o balcão de apoio do lado direito e *foyer* principal ao fundo da imagem, Piso térreo. Render: Filipe Reis, Tiago Vinhas. **(Pág. 68)**

Imagem 67 – Render da proposta, Vista do *foyer* do primeiro piso, Corredor das salas de aulas, Largo da igreja. Primeiro piso. Render: Filipe Reis, Tiago Vinhas. **(Pág. 69)**

Imagem 68 – Render da proposta, Vista da secretaria da escola, Perspectiva das colunas e da escada de acesso aos restantes pisos. Primeiro piso. Render: Filipe Reis, Tiago Vinhas. **(Pág. 69)**

Imagem 69 – Render da proposta, Corredor das salas de aula, Janelas de duas salas de aula, *Foyer* do primeiro piso. Primeiro piso. Render: Filipe Reis, Tiago Vinhas. **(Pág. 70)**

Imagem 70 – Render da proposta, Sala de aula. Primeiro piso. Render: Filipe Reis, Tiago Vinhas. **(Pág. 70)**

Imagem 71 - Render da proposta, Perspectiva da sala de espectáculos, diferentes alturas, Segundo piso. Render: Filipe Reis, Tiago Vinhas. **(Pág. 71)**

Imagem 72 – Render da proposta, Perspectiva da régie, diferentes alturas, Terceiro piso. Render: Filipe Reis, Tiago Vinhas. **(Pág. 71)**

Imagem 73 – Render da proposta, Perspectiva exterior do edifício proposto, Escadaria da igreja, Nova praça da envolvente. Render: Filipe Reis, Tiago Vinhas. **(Pág. 77)**

Imagem 74 – Render da proposta, Perspectiva exterior do edifício proposto, Nova praça da envolvente. Render: Filipe Reis, Tiago Vinhas. **(Pág. 77)**

Índice de Mapas

Mapa 1 - Primeira fase de delimitação da área de “Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Portimão”, Perímetro intramuros, Parte da delimitação da área de Reabilitação Urbana (ARU), do centro histórico de Portimão, em conformidade com o Regime Jurídico da Reabilitação Urbana (Decreto-Lei nº 307/2009, de 23 de Outubro alterado pela Lei n.º32/2012 de 14 de Agosto). Fonte: <http://www.cm-portimao.pt/index.php/teste2/balcao-virtual/consultas-publicas/concluidos-2/centro-historico/2092-memoria-descritiva-aru-centro-historico/file> Autor: Filipe Reis. **(Pág. 48)**

Mapa 2 - Mapa da Vila Nova de Portimão, 1773, Baseado na carta antiga nº 267 do Instituto Geográfico e Cadastral, área de intervenção. Fonte: “As muralhas de Portimão, subsídios para o estudo da História Local”, Pág. 16, Portimão, 1974. **(Pág. 50)**

Mapa 3 - Mapa da Cidade de Portimão, 1973, Traçado da muralha, área de intervenção. Fonte: “As muralhas de Portimão, subsídios para o estudo da História Local”, Pág. 22, Portimão, 1974. **(Pág. 52)**

Mapa 4 - Mapa do centro histórico da Cidade de Portimão, Localização de todas as sedes do Boa Esperança. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 55)**

Mapa 5 – Mapa da implantação do actual Boa Esperança. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 56)**

Mapa 6 – Mapa da implantação da proposta Boa Esperança, Intervenção na envolvente. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 78)**

Índice de Esquemas

Esquema 1 - Estudo de como seria o alçado inicial no início do século XX, segundo relatos de moradores e antigos dirigentes do Boa Esperança, Alçado Sul. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 57)**

Esquema 2 - Estudo de como seria o alçado inicial no início do século XX, segundo relatos de moradores e antigos dirigentes do Boa Esperança, Alçado Poente, Alçado principal da Igreja Matriz. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 57)**

Esquema 3 - Alçado actual do Boa Esperança, Alçado Sul, Informação cedida através do projecto aprovado na Câmara Municipal, Autor: Filipe Reis. **(Pág. 58)**

Esquema 4 - Alçado actual do Boa Esperança, Alçado Poente, Alçado principal da Igreja Matriz, Informação cedida através do projecto aprovado na Câmara Municipal. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 58)**

Esquema 5 - Planta actual do piso térreo, Informação cedida através do projecto aprovado na Câmara Municipal. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 58)**

Esquema 6 - Planta actual do primeiro piso, Informação cedida através do projecto aprovado na Câmara Municipal. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 60)**

Esquema 7 - Planta actual do segundo piso, Informação cedida através do projecto aprovado na Câmara Municipal. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 61)**

Esquema 8 – Cortes do edifício actual, Informação cedida através do projecto aprovado na Câmara Municipal. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 64)**

Esquema 9 – Cortes da proposta, Reabilitação e reconversão de edifícios antigos. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 65)**

Esquema 10 – Planta do piso térreo da proposta, Reabilitação e reconversão de edifícios antigos. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 69)**

Esquema 11 – Planta do primeiro piso da proposta, Reabilitação e reconversão de edifícios antigos. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 70)**

Esquema 12 – Planta do segundo piso da proposta, Reabilitação e reconversão de edifícios antigos. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 72)**

Esquema 13 – Planta do terceiro piso da proposta, Reabilitação e reconversão de edifícios antigos. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 72)**

Esquema 14 – Organização tipo 1 da sala de espectáculos. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 73)**

Esquema 15 – Organização tipo 2 da sala de espectáculos. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 73)**

Esquema 16 – Organização tipo 3 da sala de espectáculos. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 73)**

Esquema 17 – Organização tipo 4 da sala de espectáculos. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 74)**

Esquema 18 – Estudo dos alçados, Alçado de 1920. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 75)**

Esquema 19 – Estudo dos alçados, Alçado actual. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 75)**

Esquema 20 – Estudo dos alçados, Alçado da proposta. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 75)**

Esquema 21 – Alçado Sul da proposta. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 76)**

Esquema 22 – Alçado Poente da proposta. Autor: Filipe Reis. **(Pág. 76)**

Capítulo I

1.1 Introdução

O tema a ser abordado centra-se na importância da reabilitação do património como instrumento para assegurar a manutenção da memória. A memória de um passado que importa transpor para o futuro. Neste sentido, explora a questão da reconversão de usos como meio de intervir no património construído, possibilitando a reutilização de antigas estruturas edificadas na sociedade actual.

Entendendo-se a “reconversão de usos” como uma intervenção que visa o reaproveitamento do acervo arquitectónico, recuperando-o e dando-lhe nova utilização, pretende-se com este trabalho entender que tipo de contributo se pode realizar no campo da recuperação do património. É possível colocar uma questão, esta acção permitirá a reintrodução deste espaço na vida activa da sociedade? Considerando o património construído como um conjunto de sobreposições de camadas e fases de construção, resultantes da necessidade de actualização funcional, procura-se entender de que modo estas sobreposições são trabalhadas e mantidas no processo de intervenção, para que não seja esquecido um importante componente do edifício, o seu passado. De outro modo, procura-se perceber a questão da reutilização e de que modo as novas estruturas se conjugam com as antigas, pelo facto da reutilização pressupor a realização de obras de carácter contemporâneo, no sentido em que têm que cumprir uma série de requisitos estipulados pelas normas legais de utilização.

A metodologia de trabalho seguida resulta em dois momentos essenciais que, tendo sido realizados em simultâneo, permitiram a concretização deste trabalho - a realização de uma pesquisa histórica da Sociedade Recreativa Boa Esperança e seu relacionamento com a cidade de Portimão, ou seja, a investigação e desenvolvimento teórico e de projecto. No que diz respeito à pesquisa histórica, esta

centrou-se na importância das sociedades recreativas no início do século XX e como a Sociedade Recreativa Boa Esperança foi importante para o desenvolvimento e divulgação da cidade.

O presente trabalho visa permitir uma melhor compreensão tanto da cidade, como das gentes que as utilizaram ou delas beneficiaram. O seu conhecimento fornece-nos ideias mais fundamentadas do passado, tornando mais fácil o entendimento do presente. No fundo, o objectivo é tentar perceber a importância da reabilitação do património como instrumento para assegurar a manutenção da memória de um passado que importa transpor para o futuro.

Com a degradação e o esquecimento do centro histórico da cidade, após o afastamento da população para a periferia e o aparecimento de novas infra-estruturas culturais fora do núcleo antigo, há a necessidade de intervir para a criação de um espaço que revitalize toda uma zona, que em tempos foi das mais importantes e mais movimentada, e que nos dias de hoje se encontra praticamente esquecida e descontextualizada.

Toda esta zona, mais propriamente o largo da Igreja Matriz, representa parte da história da cidade, por esta estar implantada dentro do perímetro da antiga muralha, o que faz com que todas as intervenções realizadas tenham que ser contidas e pensadas, para que o seu passado não seja esquecido, e não mais importante, para que não sobreponham à imponente fachada da Igreja.

“... lugares que promovem o encontro, o convívio e o reconhecimento mútuo entre os habitantes da cidade.” (Referência 1)

Outro ponto é conhecer a importância que as sociedades recreativas tiveram e continuam a ter para a divulgação de culturas locais e junção de populações. Qual o impacto que tiveram quando foram criadas e qual o seu papel para as populações actuais. Visto que estas se encontram em enormes dificuldades de continuar a trabalhar em prol da sociedade, o objectivo será perceber se a reabilitação do

edifício do Boa Esperança permite dinamizar de novo uma zona da cidade que em tempos já foi bastante movimentada, trazendo de novo as memórias de um povo passado através dos novos tempos, das novas tecnologias e dos novos tipos de actividades.

“a criação da cultura é uma necessidade básica do individuo e da sociedade, porque nos permite expressar o que somos e, a tornar essa expressão publica, partilhar a nossa inteligência.” (Referência 2)

Baseado numa série de reflexões, estudadas ao longo do curso, esta proposta incide sobre a adaptação de edifícios antigos, mais propriamente o edifício do Boa Esperança, situado no centro histórico da cidade, a um programa virado principalmente para a criação, produção e apresentação de espectáculos, visando a dinamização e revitalização de todo este núcleo “intramuralhas” de extrema importância histórica, que se encontra praticamente esquecido. Como foi referido anteriormente, apesar de toda a carga histórica do local, a escolha deste espaço também se deveu ao facto de este edifício ter sido em tempos, uma das colectividades recreativas mais dinamizadores e mais importantes da cidade.

Assim propõe-se a criação de um espaço com uma arquitectura sóbria, tanto a nível interior como exterior, mas que marque uma geração e que lembre os seus antepassados, dignificando toda a história de um povo.

“... a arquitectura é mais do que formas depuradas e técnicas contemporâneas. É sobretudo a tentativa de usar a construção do ambiente como meio de transformação da sociedade.” (Referência 3)

Quanto à ocupação do edifício, o objectivo é a requalificação e reabilitação deste, propondo-se a reinterpretação e junção da arquitectura pré-existente com uma nova linguagem arquitectónica que marque a sua posição perante a praça. O tema da reabilitação terá como base a criação de um teatro experimental, que possa ser usado de diferentes maneiras, sem nunca esquecer a sua origem, a sociedade recreativa.

1.2 Desenvolvimento de Portimão

A origem de Portimão remonta ao século XV, aquando da construção das muralhas que delimitavam um polígono irregular que se estendia do rio para o interior. Após o terramoto de 1755, que destruiu grande parte destas e com as construções desenvolvidas extramuros, a partir do século XVIII, as muralhas são absorvidas devido à necessidade de evolução da cidade.

Portimão, como grande parte das cidades algarvias, verificou a partir de meados do século XX, um crescimento acentuado do seu parque edificado, impulsionado pelo turismo de massas e pela especulação imobiliária, que fez da Praia da Rocha um dos locais de férias mais frequentados do país. A expansão urbana da cidade, com a criação de periferias, influenciou a dinâmica urbana de Portimão, acabando por se perder a identidade da pequena vila piscatória na margem do Rio Arade.

Actualmente, Portimão desenvolve-se desregradadamente, reflectindo-se na criação de periferias mutantes, que sobrevivem da sazonalidade do turismo de massas, originando um crescente afastamento do centro antigo da cidade e conseqüentemente a perda de significado dos edifícios históricos. Nos últimos anos, têm-se verificado algumas intervenções que procuram, ainda que de forma superficial, dignificar o núcleo antigo da cidade, através de intervenções no espaço público. A crescente degradação dos núcleos antigos e conseqüentemente dos edifícios históricos afecta a maioria das cidades portuguesas, influenciando a sua imagem urbana e qualidade de vida das populações. Este problema deve-se sobretudo à proliferação das periferias, principalmente nas grandes cidades, que levam a uma alteração das dinâmicas urbanas das cidades. Duas questões se poderão colocar: "será que a vitória das periferias se deve unicamente às vantagens que apresentam?" ou "foi a



Imagem 1 - Indícios Romanos



Imagem 2 - Século XV, 1430

degradação dos centros históricos que influenciou o desenvolvimento dessas periferias?".

Importa perceber, que algumas cidades que recentemente apostaram na requalificação dos seus centros históricos, como os casos de Évora, Bragança, Braga, Guimarães, ganharam uma nova dinâmica, potenciando o desenvolvimento do comércio local e do turismo cultural.

No centro histórico de Portimão destacam-se dois edifícios de inegável valor histórico, cultural e arquitectónico: a Igreja do Colégio dos Jesuítas, e a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, ou Igreja Matriz de Portimão. Não esquecer também um espaço de grande importância urbanística, que marca toda esta zona da cidade, bem como as duas Igrejas anteriormente referidas, a Praça da República, antigo rossio e actualmente a conhecida Alameda da cidade.

No final do século passado, a Câmara Municipal de Portimão, desenvolveu um projecto que passava pela recuperação da praça onde existia o antigo mercado, e pelo restauro da fachada do edifício da Igreja do Colégio dos Jesuítas. Desta intenção, surgiu a Praça da República, que acolhe estacionamento subterrâneo, e abrange um espaço de lazer significativo no centro da cidade. O facto de a praça ser desproporcionada, tendo em conta a unidade urbana em que se insere, permite que o excessivo porte dos edifícios que a delimitam [em grande parte do seu perímetro], tenha um efeito contraditório. Por um lado transmitem contenção e espacialidade, por outro, estrangulamento e agressividade, onde a Igreja contribui para o equilíbrio do espaço urbano em termos de escala e proporção.

A arquitectura portuguesa ao longo dos séculos desenvolveu uma estrutura espacial elementar, constituída de formas simples e claras, influenciada, é certo, por modelos do exterior, adquiriu uma expressão territorialmente marcante e diversificada.



Imagem 3 - Século XVI, 1540



Imagem 4 - Século XVII, 1617

A Igreja do Colégio dos Jesuítas transporta para a actualidade três séculos e meio de história, sendo centro e simultaneamente, testemunho do desenvolvimento da cidade. As suas principais características são a simetria e a simplicidade. Implantado no centro antigo da cidade, o edifício sofreu as consequências da degradação das zonas antigas, reflectindo a descaracterização que o envolve. A edificação original da Igreja Matriz de Portimão remonta ao séc. XV como a data da construção original. É sabido que poucos elementos se mantêm desta época. Destaca-se uma gárgula e um portal Gótico ogival decorado e ornamentado com elementos e figuras características do período em questão. Esta Igreja sofreu ao longo dos tempos profundas alterações. Após o terramoto de 1755 foi necessária a sua reedificação, para mais tarde, em meados do séc. XIX, sofrer várias obras de remodelação.

“... o trabalho dos arquitectos tem sempre de assumir o passado. Quando falamos de preservar o património, seja ele arquitectónico, urbano ou natural, referimo-nos às ideias, formas e sensações que, herdadas e acumuladas na história, formam o nosso património. Delas partimos nos nossos programas para projectá-las para o futuro e elas suportam, inerentemente, uma certa vontade de permanecer.”
(Referência 4)

Nas últimas décadas, com a expansão do núcleo urbano, de forma pouco sustentada, sem planeamento nem ordenamento, os equipamentos foram ocupando as periferias, criando núcleos de equipamentos, (tribunal, P.S.P., biblioteca, auditório, cinemas) junto dos novos eixos viários, que por se encontrarem fora dos aglomerados urbanos, acentuam o desequilíbrio da cidade. Apesar dos inúmeros equipamentos que têm surgido em Portimão nos últimos anos, este projecto tem um carácter particular. A sua singularidade reside na heterogeneidade do seu programa, é um espaço público em que a sua dimensão social e cultural deve prevalecer como centro de apoio à comunidade. A natureza do seu carácter permitir-lhe-á, por certo, dotar o centro histórico de uma



Imagem 5 - Século XX, 1980

energia que ultrapassa o próprio significado do edifício, para se converter num importante pólo, no sentido urbanístico do termo.

Capítulo II

2.1 Casos de estudo

Para o tema desenvolvido nesta dissertação foram analisados vários casos de estudo, em que se teve em conta vários parâmetros relacionados com o tema. Em primeiro lugar foram analisados edifícios que foram reabilitados e que estivessem inseridos em centros históricos, tais como, salas de espectáculos ou cineteatros, que tenham sido destinados a programas multifuncionais. Os edifícios reabilitados têm como ponto comum, a criação de novos espaços arquitectónicos, inseridos em edifícios já existentes. Como segundo ponto de análise, foram estudados algumas salas de teatro experimental, tendo em conta a organização e o modo de funcionamento.

2.1.1 Edifícios reabilitados:

2.1.1.1 GNRATION

Arq.º Carvalho Araújo | Braga | 2011

GNRation vencedor do Prémio Nacional de Reabilitação Urbana, na categoria de “Melhor Intervenção com impacto social”.

O GNRation consiste numa plataforma de encontro das várias gerações do território bracarense. É um lugar de convergência, encontro e ligações inesperadas, onde coabitam ideias, projectos e negócios. É um lugar comprometido com a cultura de valor social, que acolhe pessoas e empresas, as quais geram, mostram e vendem produtos e serviços baseados na inovação e na criatividade. É um lugar de procura e que alimenta novas ideias que contaminam o território, que existe para além do edifício em que está instalado, funcionando como plataforma de disseminação de projectos, criados, desenvolvidos e apresentados desde Braga e da Região Norte, para o mundo.



Imagem 6 - Sala de espectáculos



Imagem 7 – Maquete, pátio.

Instalado no centro da cidade e permeável às vibrações do território, o GNRation proporciona uma nova forma de vivenciar experiências culturais e sociais, fazendo convergir e interagir, no mesmo lugar, artistas, criadores, público e visitantes. Aberto a práticas artísticas e culturais contemporâneas, bem como a expressões espontâneas, acolhe as propostas de jovens criadores, de Braga e da região, num equipamento composto por áreas de trabalho, de exposição, de fruição, de comércio e de restauração.

Abrangendo iniciativas que se estendem desde a música até à moda, passando pelo design, inovação social, património ou empreendedorismo, o GNRation assume-se como plataforma de articulação de ideias e soluções para a cidade e para o mundo, fazendo confluir os interesses e a presença das várias gerações e públicos.

Segundo o Arq.º Carvalho Araújo, a intervenção no antigo edifício da GNR usa o conceito de “ocupação como motivo”, explorando o limite entre “uma estrutura existente abandonada e um novo corpo inovador que se apodera do espaço”.

O edifício deve ser central para indústrias criativas e um promotor de um processo de regeneração urbana. Para isso não podia ser mais uma peça indiferente do puzzle urbano. Tem que ter a capacidade de agitar, de criar controvérsia, influenciar o espaço envolvente. Não podendo permanecer invisível.

O espaço que em tempos era um espaço frio e rígido, é agora o espaço mais criativo da cidade, tendo sido idealizado para a Capital Europeia da Juventude.

Cada espaço de eventos acolhe uma programação de espectáculos adequado à sua dimensão, como a sala Black Box que pretende ser um palco para as bandas emergentes. As seis lojas que existem no GNRATION apostam no comércio diferenciado. A área de trabalho



Imagem 8 – Novo corpo metálico



Imagem 9 – Intervenção alçado existente

que existe está pronta a receber empreendedores que tenham vontade de implementar as suas ideias de negócio.

Existem ainda dois espaços reservados para restaurante /cafetaria e para *clubing*, que procuram as melhores propostas, desde que cumpram o princípio de todos os espaços do quartel: possuírem um cariz cultural e criativo e que se complementem com os restantes espaços do GNRATION.

Pelo seu carácter cultural, criativo e tecnológico será um espaço permeável às várias formas de arte e seus públicos. Em constante evolução pretende ser assim um espaço non-stop, aberto 24h por dia.

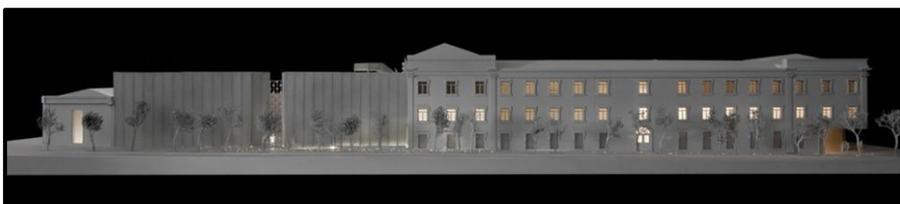


Imagem 10 – Maquete da intervenção, alçado principal

2.1.1.2 Centro de Arte Contemporânea Graça Morais

Arq.º Eduardo Souto Moura | Bragança | 2008

O Centro de Arte Contemporânea, inaugurado em Junho de 2008, tem origem no protocolo celebrado em Fevereiro de 1999 entre os municípios de Bragança e Zamora.

Com uma forte aposta na cultura como factor de modernização e competitividade, o projecto foi desenhado com a perspectiva de estreitar relações culturais entre as duas cidades, tornando-as capazes de implementar o conceito de Pólo Cultural Transfronteiriço, integrando-as desse modo em roteiros nacionais e internacionais.

O projecto ganha consistência a 26 de Fevereiro de 2001, com a assinatura do protocolo de colaboração entre a Câmara Municipal de Bragança e a Fundação de Serralves.

Em Outubro de 2002 é formalizada a sua candidatura ao programa INTERREG IIIA, com a designação de “Projecto Transmuseus”, na qual se incluía a construção do Centro de Arte Contemporânea de Bragança, com um projecto do arquitecto Eduardo Souto Moura e a construção do Museu Baltasar Lobo, em Zamora, da autoria do arquitecto José Rafael Moneo.

Situado em pleno centro histórico da cidade, o Centro de Arte ocupa um edifício do Séc. XVIII mandado edificar por Francisco Xavier da Veiga Cabral e adquirido posteriormente por José Sá Vargas. Em 1936, por testamento, o imóvel passa a propriedade da Santa Casa da Misericórdia, tendo sido adquirido em 1940, em hasta pública, pelo Banco de Portugal para aí instalar uma delegação que manteve em actividade até Março de 1993.

Em completo estado de abandono, e depois de um longo período de negociações, iniciadas em 1998, o edifício foi adquirido pela Câmara Municipal em 2002.



Imagem 11 – Alçado edifício novo



Imagem 12 – Vista edifício existente



Imagem 13 – Vista edifício novo

Resultante de decisão unânime tomada em Reunião de Câmara foi posteriormente atribuído ao equipamento o nome da pintora transmontana Graça Morais, firmado num protocolo de Cooperação e Contrato de Comodato, celebrado a 25 de Abril de 2007.

Numa arquitectura, onde o branco é tom dominante e cada pormenor denuncia a assinatura do autor, ganham dimensão uma multiplicidade de espaços como a zona de recepção, a livraria, o bar/cafetaria, a esplanada, o jardim, sete salas dedicadas à obra da pintora Graça Morais, salas de serviço educativo, gabinetes de trabalho, sala de reuniões, galeria de exposições temporárias, balneários, oficinas, zona de recepção de obras e a grande nave de exposições temporárias.

O Centro de Arte Contemporânea Graça Morais tem como missão sensibilizar e promover o conhecimento da arte contemporânea, nacional e internacional, em geral, e da obra da pintora Graça Morais, em particular. A sua dinâmica assenta num programa de exposições temporárias, colectivas e individuais, reforçado por outras iniciativas de âmbito pluridisciplinar, nomeadamente através da organização de programas pedagógicos capazes de promover, ampliar e fidelizar públicos interessados na arte contemporânea e de originar uma relação estreita com a comunidade local.

O projecto arquitectónico do Centro de Arte Contemporânea é da autoria do arquitecto Eduardo Souto Moura. O plano incidiu sobre a recuperação e ampliação de um antigo edifício solarengo do século XVII. As obras tiveram início em Outubro de 2004 e prolongaram-se até Junho de 2008.



Imagem 14 – Vista edifício novo



Imagem 15 – Vista edifício novo



Imagem 16 – Vista edifício novo

A infra-estrutura é composta por três corpos distintos: o primeiro, o edifício existente, o Solar dos Veiga Cabral, ou antigo Banco de Portugal; o segundo, construído no antigo jardim do solar, funciona como área de ligação entre o solar e o novo edifício, uma área de exposições e de serviços bem como de jardim e esplanada, e por fim o terceiro edifício, que corresponde à principal nave de exposições.

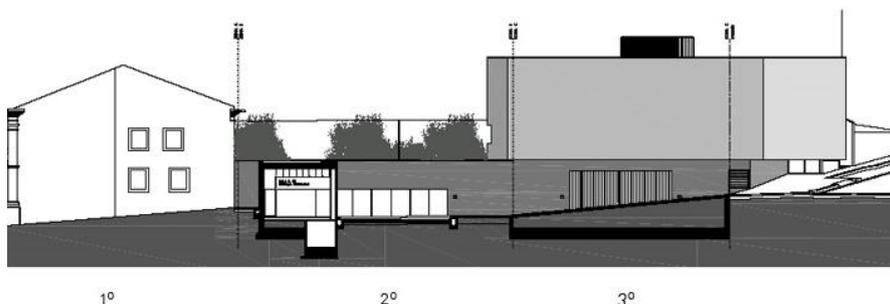


Imagem 17 – Alçado-Corte da intervenção | Novo vs Existente

Para a recuperação e adaptação do primeiro edifício foi demolida parte do existente, nomeadamente os elementos estruturais horizontais do seu interior e cobertura, assim como jardins e construções anexas, de forma a reconstruí-lo como antigo Solar, recuperando a sua traça original, modificada por intervenções sucessivas. A reabilitação deste edifício permitiu colocar, ao nível do piso térreo, serviços como a entrada/recepção, uma livraria, um bar/cafetaria, bem como outros serviços adjacentes, enquanto o primeiro piso, constituído por sete salas, recebe em permanência a Colecção Graça Morais.

O segundo edifício faz a ligação entre o solar e a principal sala de exposições temporárias, compreendendo a circulação entre exposições temporárias e permanentes, as salas de serviço educativo, o gabinete administrativo, o centro de documentação e uma sala de reuniões.

O terceiro corpo é uma construção de raiz, feita a partir de uma estrutura metálica revestida a isolamento térmico com cobertura de zinco, correspondendo à principal nave de exposições.

2.1.1.3 Cineteatro Almadense

Arq.º José Luís Amaro – Planinfinito | Almada | 2014

O edifício sede da Academia de Instrução e Recreio Familiar Almadense, cuja construção inicial foi concluída em Setembro de 1942, apresentava sinais evidentes de degradação e patologias construtivas diversas, que exigiam uma intervenção profunda e urgente, ao nível da recuperação e reabilitação de toda a construção.

A decisão da recuperação deste edifício integra-se no âmbito das intervenções nos edifícios emblemáticos da Cidade de Almada, recuperando-os e adaptando-os a novas valências, sob pena, se tal não for feito, da perda irreparável de parte significativa da “memória” da cidade. Esta intervenção visou uma adaptação e redimensionamento de todo o espaço interior, de modo a que o edifício possa albergar vários tipos de actividades.

A intervenção teve quatro vertentes principais:

1-Estrutural: Execução de uma estrutura de reforço, constituída por pilares e vigas metálicas e pisos em lajes de betão armado.

2-Exteriores: Reabilitação das fachadas e respectivos vãos, com a substituição de toda a caixilharia metálica das portas e janelas, bem como a substituição de todo o telhado.

3-Interiores: Intervenção em pavimento, paredes e tectos. Redefinição dos espaços interiores adaptando-os às novas valências e funcionalidades. Implantação de novos blocos sanitários na cave, no piso térreo e no primeiro andar. Criação de Camarins sob o palco.

4- Instalações, equipamentos e sistemas: Instalação de raiz, de todas as redes de energia, comunicação, águas e de esgotos, assim como a ventilação/climatização de todos os espaços interiores. Desenvolvimento dos estudos, referentes ao condicionamento acústico, à conservação energética e isolamento térmico e ainda a



Imagem 18 – Sala de espectáculos



Imagem 19 – Alçado

colocação de todos os equipamentos e meios de segurança contra incêndios, do edifício.

A mecânica de cena (palco) foi dotada de meios adequados para vários tipos de espectáculos, dispondo a sala com uma capacidade para 200 espectadores, de equipamento de amplificação sonora e de projecção de vídeo de alta resolução.

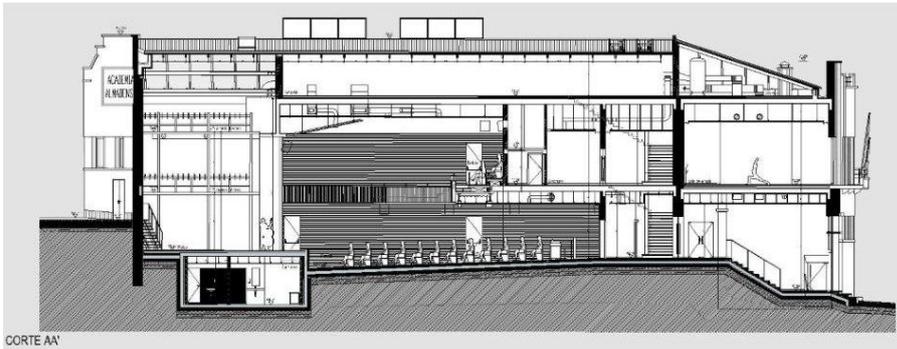


Imagem 20 – Corte da intervenção

2.1.1.4 Cineteatro Olga Cadaval

Arq.º João Monteiro Andrade e Sousa | Arq.º Miguel Andrade e Sousa | Sintra | 2008

Construído em 1945 sob projecto do arquitecto Manuel Joaquim Norte Júnior, o então Cineteatro Carlos Manuel foi, durante muitos anos, o único cinema de Sintra. Durante cerca de 40 anos fez parte do quotidiano da vida social e cultural Sintrense, encontrando-se fortemente enraizado na memória colectiva do município.

Ao incêndio que, em 1985, destruiu grande parte do edifício, seguiram-se alguns anos de abandono, durante os quais eventos culturais temporários utilizaram parcialmente os espaços ainda disponíveis.

Reconhecendo não só o valor e representatividade do edifício, como a necessidade de uma nova sala de cinema e espectáculos para a vila de Sintra que pudesse abrigar vários tipos de eventos, a Câmara Municipal decidiu adquirir o imóvel, em 1987 promovendo a sua reconversão e reabilitação.



Imagem 21 – Alçado inicial

As principais opções e critérios da intervenção foram, desde o início, claramente definidos, compreendendo os seguintes aspectos:

Reconhecimento da qualidade e valor do edifício, não só pelas características intrínsecas da construção, mas também enquanto testemunho histórico, no qual, ao longo de várias décadas de usufruto colectivo, se foi sedimentando a memória da vida cultural

sintrênse. Não sendo viável uma recuperação integral, propôs-se a recuperação e salvaguarda dos espaços e elementos construtivos mais marcantes, de que se destacaram:

- 1- O conjunto das fachadas do corpo principal;
- 2- Os *foyers* principais e seu revestimento de pavimentos, lambris e tectos;
- 3- As escadarias principais, de nobres proporções e desenvolvimento, com guardas metálicas policromáticas;
- 4- As paredes de alvenaria de pedra envolventes e definidoras da geometria da sala principal e a estrutura e laje do balcão.

Execução de alterações e adaptações na antiga sala, de modo a compatibilizá-la com as novas exigências de programa, nomeadamente no redesenho do perfil da plateia e fosso de orquestra;

Construção do novo corpo de cena, da sala de cinema, da sala de ensaios, de espaços de apoio e técnicos, implantados nas áreas demolidas e no jardim contíguo. Execução de nova cobertura sobrelevada, incorporando todas as infra-estruturas e isolamentos acústicos indispensáveis. Escavação adicional sob o *foyer* do Auditório Jorge Sampaio para implantação do bar principal;

Como princípios orientadores da reconstrução e ampliação, procurou-se que as novas construções e materiais marcassem a contemporaneidade da intervenção, demarcando-se com clareza dos espaços e elementos pré-existentes.

Por último, foi proposto o arranjo dos espaços exteriores adjacentes, ou seja:

- 1- A passagem de ligação ao antigo Casino, actual Museu de Arte Moderna, permitindo a partilha e complementaridade das



Imagem 22 – Foyer inicial



Imagem 23 – Vista do palco para a plateia



Imagem 24 – Vista do palco para a plateia

instalações, ligação já prevista nos estudos originais de Norte Júnior e nunca executada;

2- O pórtico de entrada, estrutura de porte monumental, referência à memória dos antigos teatros de ópera no seu aparato, conferindo uma nova escala e presença urbana ao Centro Cultural;

3- Tratamento da Praça Dr. Francisco Sá Carneiro.

O programa final, resultado da adequação das expectativas e necessidades iniciais aos condicionamentos próprios do local e da sua história, engloba assim um conjunto de salas, áreas de apoio e espaços técnicos de grande qualidade técnica e funcional. Todo o conjunto se articula em função das duas salas principais:

O Auditório Jorge Sampaio (Grande Auditório) tem uma lotação total de 967 lugares, sendo destes 68 em lugares amovíveis no prolongamento da plateia sobre o fosso de orquestra e os restantes distribuídos numa plateia, no balcão e em dois níveis de galerias laterais. É uma sala de teatro polivalente, preparada para receber todos os espectáculos de música, teatro, ópera e dança, bem como congressos e conferências.

O Auditório Acácio Barreiros (Pequeno Auditório), com uma lotação de 272 lugares, concebido como sala de cinema e de conferências, está igualmente equipado para pequenos espectáculos de música e teatro. De entre os espaços de apoio mais significativos, destacam-se uma sala de ensaios de área equivalente à cena do Auditório Jorge Sampaio, ou ainda um conjunto de camarins colectivos subdivisíveis e de seis camarins individuais que, no total permitem receber cerca de 172 artistas em simultâneo.

Como complemento à sala de ensaios, previram-se diversas salas de ensaio individuais tratadas acusticamente, bem como espaços de apoio funcional – salas de adereços, de lavagens, de roupa etc. O novo corpo de cena, duplicando na vertical o volume da Cena, as



Imagem 25 – Alçado após intervenção



Imagem 26 – Foyer actual



Imagem 27 – Vista do palco

duas coxias aproveitando toda a largura disponível do terreno, um subpalco, ligado ao novo fosso de orquestra e a zonas de armazenamento e de trabalho, são, talvez, os espaços de maior envergadura e importância para o funcionamento do Auditório Jorge Sampaio.

2.1.2 Salas de teatro experimental:

2.1.2.1 Sala de Teatro Experimental Octávio Trias

**Centro Cultural “El Paso del Norte” | Arq.º Alfonso Escárcega García
| Cidade de Juárez | Chihuahua | México | 2006**

O Centro Cultural “El Paso del Norte”, construído na cidade de Juarez, Chihuahua, no México foi inaugurado no dia 02 de Dezembro de 2006, de acordo com o projecto do MA Lorena A. González Barrera e do Arquitecto Escárcega Alfonso Garcia.

O centro cultural apresentado, contém uma sala de teatro experimental, multifuncional, com capacidade para 250 espectadores, no seu máximo, distribuídos pelo piso térreo e por dois balcões.

Este foi projectado para albergar diferentes formas de disposição espacial, para uma maior interacção entre os espectadores e espectáculo. Aqui não são definidas as áreas de actuação das áreas de público, para que cada espectáculo consiga adaptar a sala, da melhor maneira às suas características e necessidades.

Devido às suas características, a sala pode-se adaptar a vários tipos de teatro, como por exemplo, com a organização de teatro italiano, ou teatro de arena, sem comprometer a paisagem, a iluminação ou o mobiliário. Para garantir a total flexibilidade de iluminação, este projecto assemelha-se a um estúdio de cinema ou de televisão, considerando a utilização de novas técnicas e novas linguagens teatrais.



Imagem 30 – Perspectiva da sala



Imagem 28 – Vista do balcão



Imagem 29 – Vista da plateia

2.1.2.2 Teatro Vila Velha

Arq.º Carl Von Hauenschild | Salvador | Bahia | Brasil | 1998

No verão de 1959, alguns alunos da primeira turma a ser graduada pela Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, com o objectivo de romper com as tradições de teatro desenvolvidas na escola, tentam criar uma nova vertente de representação, mais experimental, formando a primeira companhia teatral profissional da Bahia: a Companhia Teatro dos Novos.

Para a concretização das novas técnicas de representação, logo perceberam que era necessário a construção de um espaço que reflectisse e se adaptasse ao pensamento inovador do grupo. Após vários anos de uso de espaços improvisados, e de busca por um novo local, finalmente no ano de 1964, o grupo consegue o financiamento para a construção da nova sede. Com o projecto inicial do arquitecto Sílvio Robato, foi transformado um antigo edifício num novo espaço com as características necessárias ao teatro.

Com o passar dos anos, houve sempre a necessidade de criação de um espaço mais moderno e mais acolhedor. Em 1995, foi iniciado o ousado projecto, com arquitectura de Carl Von Hauenschild, através de uma intervenção no antigo edifício, restando muito pouco deste, tendo sido concluído em 1998, um moderno e confortável teatro.

O Teatro Vila Velha, localizado no centro da cidade, é um excelente local para eventos, em que possui uma estrutura versátil e capaz de atender a diversos tipos de eventos.

A sala principal do Vila é um espaço amplo e versátil, capaz de adoptar configurações variadas e adaptar-se a diversos tipos de espectáculos e apresentações. A capacidade varia conforme a configuração da sala. Espectáculos de dança, teatro, *shows* musicais, palestras e seminários acontecem neste espaço.



Imagem 31 – Vista do balcão

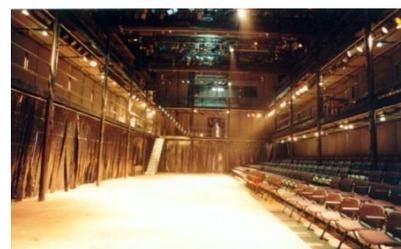


Imagem 32 – Vista da sala

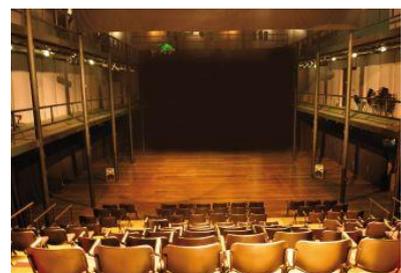


Imagem 33 – Vista da plateia

Diferentes tipos de organização da sala do Teatro Vila Velha:

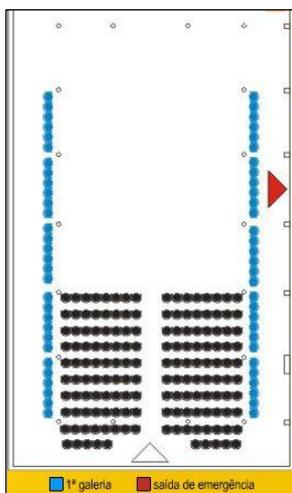


Imagem 34 – Vista da plateia

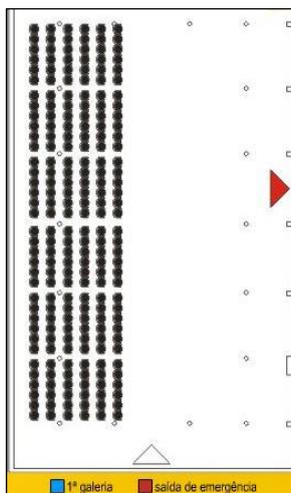


Imagem 35 – Vista da plateia

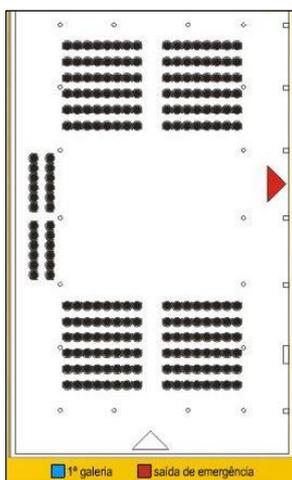


Imagem 36 – Vista da plateia

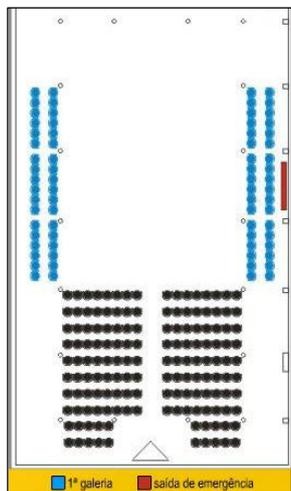


Imagem 37 – Vista da plateia

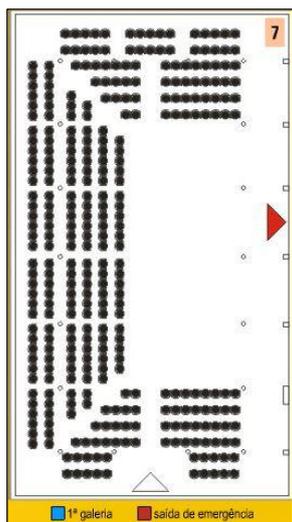


Imagem 38 – Vista da plateia

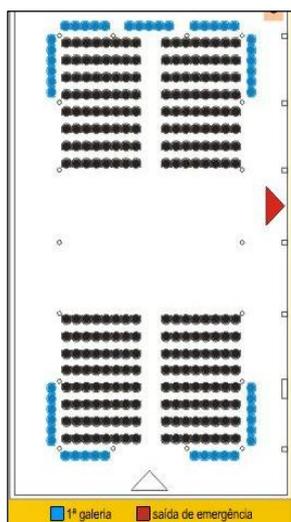


Imagem 39 – Vista da plateia

Capítulo III

3.1 Estado da Arte

Termo que designa, não um movimento ou escola teatral limitada espaço-temporalmente ou com um manifesto específico e claro, mas antes uma atitude de crítica e ruptura, não só face à ordem teatral pré- estabelecida, normalmente centrada numa lógica burguesa¹ e comercial², de um teatro com repertório fixo, clássico e de fácil compreensão para as massas, bem como à ordem social e política que servia de base a tal teatro. Assim, Teatro experimental pode ser também definido como teatro de vanguarda, teatro laboratório, teatro de investigação ou teatro moderno.

Podemos dizer que, a partir do fim do século XIX, passando pelos movimentos de vanguarda dos anos vinte do século XX, pelos inovadores franceses como Artaud³ e Copeau⁴, pelos realistas críticos como Piscator⁵ e Brecht⁶, e por uma constelação quase interminável de grupos experimentais que surgem no contexto do pós-guerra, e sobretudo a partir dos anos 60 e 70 do mesmo século, o Teatro experimental instalou-se no panorama teatral mundial, dando voz a uma necessidade que serve uma realidade contemporânea pós-moderna, e como tal auto-reflexiva, crítica, ecléctica e alternativa.

Tentando encontrar alguns pontos de contacto entre todos estes movimentos, pode-se considerar três grandes atitudes distintas, porém muitas vezes interligadas, que ajudam a explicar a génese do Teatro experimental: uma atitude de técnicas e estéticas inovadoras, uma atitude política, social e moral, e uma atitude auto-reflexiva. Tendo presentes as inovações, na iluminação, nos espaços arquitectónicos, e nos diversos materiais a utilizar, que são uma constante ao longo de todo o século XX e século XXI, o teatro começa a experimentar as potencialidades que estas inovações oferecem. Para além do trabalho do texto, emerge a figura do encenador, do director de actores, dos técnicos, passando assim o espaço teatral a

explorar novas linguagens, e a ser também um espaço neobarroco, já que volta a tentar impressionar os sentidos do espectador através do artifício.

Palcos móveis, cadeiras que se podem remover, número infinito de luzes e som muitas vezes ofuscam a verdadeira essência do texto. É por esta razão que Copeau critica todos aqueles inovadores, que apenas experimentaram numa perspectiva técnica mas desprovida de sentido dramático, sem objectivos concretos para além da impressão imediata. Estes autores ficaram, segundo Copeau, a meio do que devia ter sido o seu percurso teatral.

Outra das faces do Teatro experimental é a sua função política, social e moral. Enquanto teatro de reacção à ordem instituída, o Teatro experimental ganha muitas vezes contornos de teatro de luta, modificando, não só as temáticas a apresentar, numa atitude de crítica social, mas também as estratégias dramáticas a utilizar. Procura-se, que o teatro não só desperte para novas temáticas, como também uma mudança de linguagem, para uma melhor passagem das mensagens, muitas vezes de ruptura face ao poder em vigor.

Exemplos bastante ilustrativos do acima referido são as propostas teatrais de Piscator, o Teatro Proletário⁷, bem como as de Brecht, o Teatro Épico⁸. Ambas tentam chamar à atenção do público para uma classe oprimida, marginalizada. As técnicas teatrais rompem também com as convenções estabelecidas. Os heróis trágicos clássicos, de estatuto social elevado, são substituídos por heróis que representam grupos sociais oprimidos, muitas vezes sem nome, pois o indivíduo dava lugar a uma luta colectiva. Este teatro de envolvimento, que servia a emergência do comunismo, dispunha de novas técnicas e uso de novos materiais, que transmitissem melhor a mensagem a transmitir, como sendo o uso de áudio- visuais e linguagens por vezes jornalísticas.

Por fim existe a atitude auto-reflexiva, também presente no Teatro experimental. Tal como o nome indica, experimental remete para experiência, tentativa, e desta forma, este tipo de teatro dá grande importância ao próprio processo teatral, uma peça é escrita, reescrita, reinterpretada, discutida, modificada, dialecticamente trabalhada entre encenador, actores e público. Na verdade, uma peça, para muitos grupos teatrais nunca está terminada, chegando ao ponto de ser apenas um exercício de especulação plurissignificativa, que pode até chegar a subvalorizar o papel do espectador, fazendo do teatro apenas ensaios e investigação. Por outro lado, os próprios textos muitas vezes abordam problemáticas teatrais, procurando o lugar e essência do teatro na realidade e da realidade no teatro.

“A ideia é a criação de um espaço ideal para o trabalho técnico dos artistas, às necessidades dos professores/encenadores, até ao deleite da plateia”. (Referência 5)

Dado o sucesso que muitos destes grupos teatrais tiveram junto do público, que cada vez mais se identifica com as propostas dadas, o Teatro experimental foi passando em alguns casos do seu carácter declaradamente marginal e crítico, para uma forma mais institucionalizada de teatro, a qual passará a obedecer a uma lógica comercial e de lucro, tentando abarcar cada vez mais público, perdendo assim parte da sua essência e objectivos iniciais.

Contudo, é possível afirmar que o Teatro experimental aparecerá sempre como uma voz de liberdade contra qualquer ordem estabelecida ou um qualquer preconceito. Este teatro, que dá voz ao outro, que explora os domínios multiculturais, que baseia a sua prática na inovação e reciclagem constantes, que abarca e recria técnicas antigas e modernas como sendo o filme, a televisão, a dança, a pintura, o circo, a literatura, a música, a informática, a expressão corporal, nasce e renasce com potencialidades ilimitadas.

Capítulo IV

4. 1 Centro histórico de Portimão

4.1.1 Um Olhar Sobre a Cidade

Portimão nasceu junto ao rio Arade, onde as águas deste já se misturam com o mar. A terra, o rio e o mar conjugam-se harmoniosamente conferindo individualidade a esta cidade, vila durante séculos. Terra de mareantes desde as origens, foi também de senhores desde que se fez vila.

Próxima de Lagos, virada para África, adquiriu cedo gosto pela viagem. Povos que vieram de fora deixaram-lhe marcas profundas materializadas em vestígios arqueológicos significativos da sua presença. Alcalar, necrópole megalítica, e Abicada, vila romana, testemunharam esse passado remoto.

Fundada no século XV, desanexada do termo de Silves, abre-se definitivamente ao mar durante o século XVI. A construção naval, a pesca, o comércio marítimo à distância, atraíram moradores e mercadores de grossos cabedais.

A importância da jovem vila justificou a doação de direitos reais à influente família Castelo Branco, logo em 1476. D. Martinho foi seu primeiro conde, no mesmo ano em que D. Manuel lhe outorgou foral próprio, em 1504. Sempre na posse desta família até à extinção dos seus descendentes directos, atraiu as atenções do marquês de Pombal, que a quis fazer cidade.

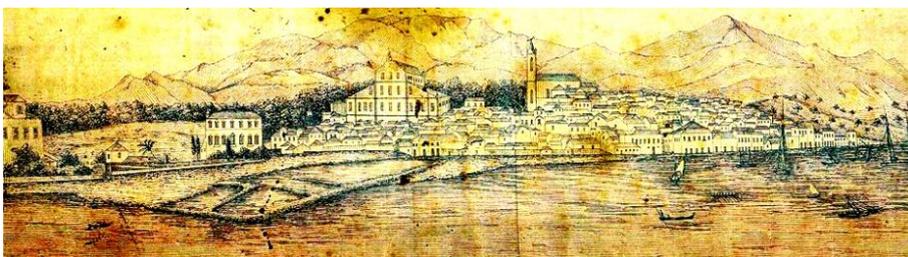


Imagem 40 – Perfil da Cidade, século XVIII

O seu crescimento viria a ser afectado pela sucessão de crises frumentárias, pestes e terremotos, ao longo dos séculos XVII e XVIII. Contudo, a sua índole marítima e o impulso da Regeneração permitiram-lhe superar as hesitações do seu crescimento, conferindo-lhe, no século XX, uma posição de destaque no contexto algarvio.

O desenvolvimento da indústria conserveira aliado à condição de amplo porto de abrigo determinara um progresso que justificou a sua elevação a cidade, em 1924. Teixeira Gomes, presidente, assinou o decreto. Teixeira Gomes, escritor, traçaria para sempre o retrato desta cidade que, não se vendo do mar, a ele deve a definição do seu percurso.

A história de Portimão enquanto centro urbano remonta ao século XV. Situada na margem direita do rio Arade, junto à foz, a vila surge no contexto do desenvolvimento do litoral algarvio, decorrente do processo expansionista além-mar.

4.1.2 Diagnóstico prospectivo da área de intervenção e sua contextualização na visão estratégica de desenvolvimento da cidade.

O Município de Portimão localiza-se no Barlavento algarvio pertencente ao distrito de Faro, sendo constituído por três freguesias: - Portimão, Alvor e Mexilhoeira Grande. Segundo os censos de 2011, o Município possui uma área residencial de 182,10Km², com uma população residente de 55614 habitantes.

A estrutura demográfica da cidade tem vindo a assistir a distintas fases de evolução. Na última década houve um acréscimo de 24,09% da população residente, que corresponde a um aumento de 10 796 indivíduos, apesar de o centro histórico apresentar um decréscimo de residentes.

O crescimento no espaço urbano de Portimão foi, contudo, até aos anos 60, um crescimento contido. No entanto, a partir dessa década,

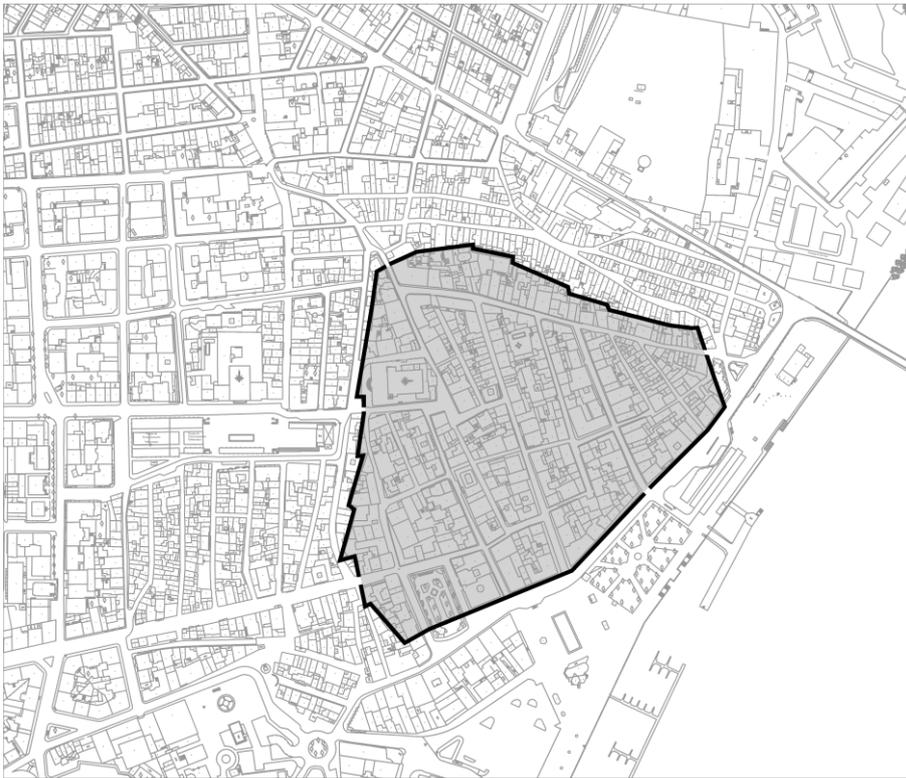
a cidade evidenciou um crescimento brusco e que se distribuiu no espaço de forma tentacular. Esta forma de crescimento gerou problemas que abrangeram toda a cidade, mas que afectaram o centro histórico, no que diz respeito à sua inserção urbana na cidade que se foi criando, de uma forma demasiado rápida e desarticulada.

As fragilidades geradas no centro histórico, resultantes do rápido crescimento da cidade, foram de uma forma geral as seguintes: o crescente abandono dos seus edifícios numa primeira fase no que diz respeito à sua função residencial, e numa segunda fase do progressivo abandono das funções de comércio e serviços. Com isto, deu-se a progressiva degradação do edificado, resultante do seu abandono, o aumento dos factores de insegurança e o envelhecimento do centro histórico.

4.1.3 Delimitação e caracterização do centro histórico de Portimão

Em Portugal, como em outras partes do mundo, tem-se assistido, em anos recentes, a processos de intervenção na regeneração das áreas centrais e históricas das cidades, adoptando uma perspectiva de espectro alargado que atende tanto à reabilitação urbanística, ambiental e do edificado quanto à revitalização social, cultural e económica.

Esta intervenção justifica-se, por se reconhecer que estas áreas apresentam, normalmente, significativos sintomas de degradação ao nível do espaço urbano e do edificado que a define mas, sobretudo, porque esta degradação surge acompanhada de decadência social e económica, com abandono progressivo, envelhecimento e empobrecimento das populações residentes.



Mapa 1 - Primeira fase de delimitação da área de "Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Portimão"

Conforme definição, Área de Reabilitação Urbana (ARU), é a área territorialmente delimitada que, em virtude da insuficiência, degradação ou obsolescência dos edifícios, das infra-estruturas, dos equipamentos de utilização colectiva e dos espaços verdes de utilização colectiva, designadamente no que se refere às suas condições de uso solidez, segurança, estética ou salubridade, justifique uma intervenção integrada, através de uma operação de reabilitação urbana, aprovada em instrumento próprio ou em plano de pormenor de reabilitação urbana.

O centro histórico do concelho de Portimão é uma área que se apresenta bastante degradada, no que diz respeito, às condições de solidez, segurança e salubridade das edificações, verificando-se o abandono progressivo por parte da população residente, bem como o declínio da actividade comercial e oferta Turística.

A queda das indústrias tradicionais, nomeadamente a indústria conserveira, potenciadoras do desenvolvimento e crescimento da

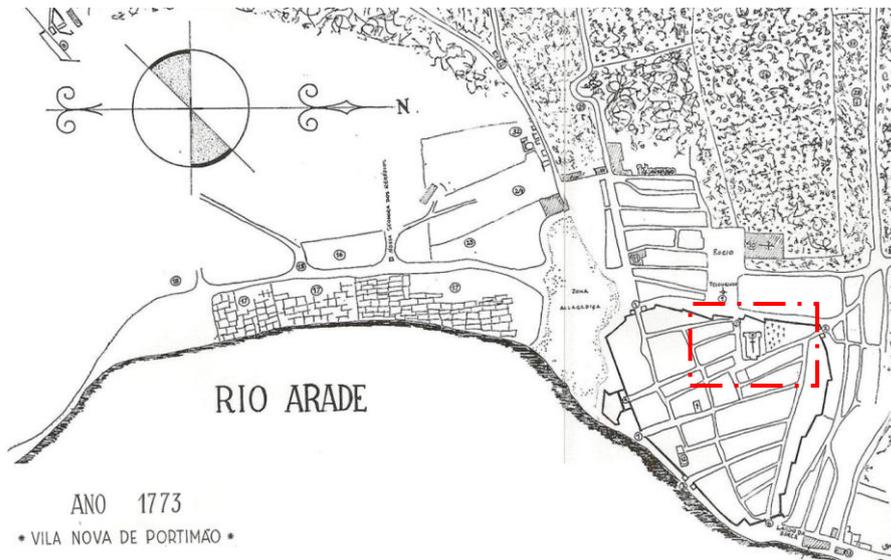
cidade e, a evolução da indústria turística, afectou de forma significativa a vivência da população e o desenvolvimento do tecido urbano. Outros factores que contribuíram para o abandono da área habitacional e o declínio da actividade comercial, são os constrangimentos tipológicos relacionados com a mobilidade, o estacionamento, aliada à falta de segurança e espaços públicos de lazer requalificados.

Desde o final da década de noventa foram desenvolvidas diversas acções de iniciativa pública no sentido da qualificação e dinamização do centro da cidade, sendo particularmente evidente, a estratégia desenvolvida, materializada numa série de intervenções ao nível da requalificação do espaço público, nomeadamente, a requalificação da Zona Ribeirinha, do Largo do Município, do Jardim 1º de Dezembro o Parque da Alameda, restauro e conservação das igrejas do Colégio e Matriz, pedonalização da rua Direita, e iluminação pública. Não obstante, os resultados destas intervenções, a realidade tem vindo a demonstrar que são necessárias mais acções, de forma a alcançar os objectivos definidos pela Câmara Municipal, no tocante à, salvaguarda, qualificação e dinamização da zona antiga da cidade.

É neste contexto que, a Câmara Municipal de Portimão, deu o início a um processo de reabilitação para a cidade, considerando para tal, numa primeira fase, a delimitação da ACRRU – limite da cintura quatrocentista construída no reinado de D. Afonso V.

4.1.4 Delimitação e caracterização da área de intervenção

A escolha do local a intervir recaiu sobre uma análise cuidada do largo da Igreja Matriz da cidade de Portimão, onde foram tidos em conta vários aspectos, desde a sua importância ao longo dos tempos, por ter tido enorme influência na evolução da cidade, e como ponto mais forte, o facto de albergar a igreja mais importante, que faz com que seja sempre, uma área de grande interesse.



Mapa 2 - Mapa da Vila Nova de Portimão, 1773

A Igreja Matriz, como aconteceu na maior parte das igrejas cristãs, foi erigida no ponto mais elevado do antigo burgo, em 1476, a mando de D. Gonçalo Vaz de Castelo Branco⁹.

Apesar de inúmeros contratemplos, este templo é praticamente o único que melhor ilustra a época da fundação da vila, por ser das construções mais antigas da actual cidade que ainda se encontra entre nós.

Com a construção da muralha, e conseqüente elevação a vila, esta área ficou incluída no antigo perímetro amuralhado, sendo a parte mais ocidental da pequena vila piscatória.

“Do adro da igreja tem-se um excelente panorama sobre a Ria de Alvor, o casario e o mar em redor.” (Referência 6)

Por ser o ponto mais alto da vila, era possível visualizar a igreja e toda esta área de qualquer ponto, tanto no interior como no exterior da muralha. Apesar de se encontrar num dos extremos da vila, permitiu uma maior ligação com o exterior, através de uma pequena porta na muralha, conhecida como Postigo da Igreja, que permitia um contacto directo com o antigo rossio da vila, hoje alameda da cidade, bem como a Igreja do Colégio dos Jesuítas.

“Localizada no alto de uma colina, marcou durante séculos o perfil da cidade.” (Referência 7)



Imagem 41 – Portimão, século XIX



Imagem 42 – Igreja Matriz, século XIX

Outra das características desta área, foi a existência do cemitério da pequena vila junto à Igreja Matriz, mais específico, nos terrenos onde hoje está implantado o edifício em estudo, o que transmite uma maior simbologia e importância para a história do local e da cidade.

Em 1755, a Vila de Portimão sofreu enormes danos devido ao terramoto e consequente *tsunami*, que destruíram grande parte da vila e a maior parte da muralha, várias igrejas e ermidas existentes, bem como o desaparecimento de praticamente toda a Igreja Matriz, que foi reedificada em meados do século XIX.

De Portimão medieval restam apenas alguns panos de muralhas ocultados pelo casario. É a arquitectura dos finais do séc. XIX e início do séc. XX que marca o perfil do centro histórico, nas casas de dois pisos, de varandas de ferro forjado, cantarias enobrecidas nas janelas e portas, remates com balaustradas de pedra e cerâmica, e paredes revestidas a cerâmicos.

Com o passar dos anos e, consequente, reconstrução e expansão da vila para fora do perímetro amuralhado, houve a necessidade de transladar o antigo cemitério para a periferia da cidade, deixando os terrenos livres para novas construções. Estima-se que nos finais do século XIX é que surge a primeira construção neste lote.



Imagem 43 – Alameda da República

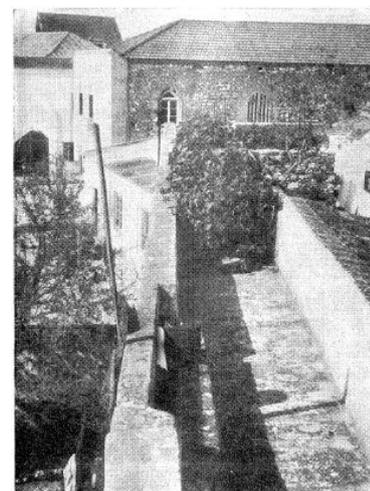


Imagem 44 – Troço da Muralha

iluminação, o que origina alguma falta de segurança. Isto deve-se às ruas estreitas, bastante antigas e falta de manutenção.

Não só para quem é da cidade, mas também para quem a visita, é fácil perceber que em Portimão há uma grande dificuldade de acesso ao centro, seja pelo tipo de rua, ou mesmo pela falta de oferta, tanto a nível cultural, como de comércio.

Capítulo V

5.1 História do Edifício

Relativamente à história da sociedade recreativa, por falta de documentos escritos, foi necessário recorrer a uma entrevista com um dos antigos directores da colectividade. A entrevista foi feita ao Senhor Francisco Baptista Correia, de 94 anos, director do Boa Esperança, entre os anos 50 e final da década de 70 e membro activo nos destinos do clube até aos dias de hoje. Para além de um dos homens importantes do Boa Esperança, foi também importante nos destinos desta cidade, tendo sido presidente da Junta de Freguesia entre os anos de 1979 e 1989 e um dos fundadores do Centro de Apoio a Idosos da cidade.

A história da sociedade recreativa Boa Esperança começa no dia 4 de Maio de 1924 como clube de futebol, cujo campo se situava nas proximidades do actual viveiro e a sua sede na Rua Carlos da Maia.

A sociedade propriamente dita surge em Março de 1930, numa nova sede, situada no final da Rua Direita, no primeiro andar de uma pequena casa, que à data era o “fim” do núcleo da cidade de Portimão. Esta surge com o aparecimento dos primeiros bailes feitos para os jogadores, famílias e amigos do clube.

Com o passar dos anos, e com a rápida evolução da cidade, houve a necessidade de uma sede maior, que desse uma melhor resposta às necessidades do clube na época. Assim, surgiu uma nova mudança de espaço, em Outubro de 1931, para um local de dimensões um pouco maiores, situado na Rua Professor José Buísel, junto à antiga Escola Industrial de Portimão, hoje instalações do Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes. Edifício que actualmente foi adquirido pelo Instituto, para futuras instalações.

Após anos na Rua Professor José Buísel, o Boa Esperança muda de novo, para um edifício já com dimensões modestas, com melhores



Imagem 47 – Rua Direita, 1950



Imagem 48 – Rua Prof. José Buísel

condições e mais hipóteses de oferta. Desta vez para a Rua Júdice Fialho, antiga Rua da Ribeira, em Junho de 1932.

A actual sede, edifício em estudo, que albergou durante anos, uma outra sociedade recreativa da cidade, com o nome de Fraternidade, foi destruída devido a um violento incêndio, não se sabendo ao certo a data, mas através de confirmação dos Bombeiros Voluntários de Portimão, sabe-se que ocorreu entre os anos 37 e 40, que deflagrou no piso térreo, do lado poente, onde na altura funcionava uma oficina de canalizações, e que consumiu não só este, mas também afectou o primeiro piso, o que fez com que o edifício estivesse inactivo durante alguns anos. Após alguns anos de abandono deste espaço, a sociedade recreativa Boa Esperança, muda-se definitivamente, para o actual edifício, mudança esta que aconteceu na década de 40 mas, só nos anos 70, foi feita uma colecta entre os sócios para a aquisição do imóvel.



Imagem 49 – Rua Júdice Fialho



Imagem 50 – Largo da Igreja



Mapa 4 | Mapa do centro histórico da Cidade de Portimão | Localização de todas as sedes do Boa Esperança | Cizento – primeira sede, Rua Carlos da Maia | Amarelo – segunda sede, Rua Direita | Verde – terceira sede, Rua Professor José Buisel | Azul escuro – quarta sede, Rua Júdice Fialho | Azul claro – sede actual

5.2 Caracterização do Edifício

5.2.1 História do local

Como acontece com a história da sociedade recreativa, também do imóvel não existe nenhuma informação escrita, anterior aos anos 60, tanto de datas, como de plantas. Os únicos registos que existem são as plantas, e pouco mais, de quando o Boa Esperança ocupou este local.

A única informação escrita existente, anterior aos registos do Boa Esperança, encontra-se no livro sobre as muralhas da cidade, em que fala da existência de um cemitério, neste mesmo local, entre os séculos XV e XVII.

“...um antigo cemitério, próximo do Postigo da Igreja, hoje “Boa Esperança Atlético Clube Portimonense”...” (Referência 8)

Após o terramoto de 1755, que provocou uma enorme devastação em toda a vila, houve a necessidade de recuperação de todo o casario danificado, o que originou a evolução da vila para fora do perímetro amuralhado. Com esta nova onda de construção, não fazia sentido o cemitério continuar no coração da cidade, pelo que houve a necessidade de transladação para um novo espaço, na altura periferia da vila, o que fez com que este sítio ficasse livre para a construção de novos imóveis.



Imagem 51 – Rua do Bispo D. Afonso Castelo Branco

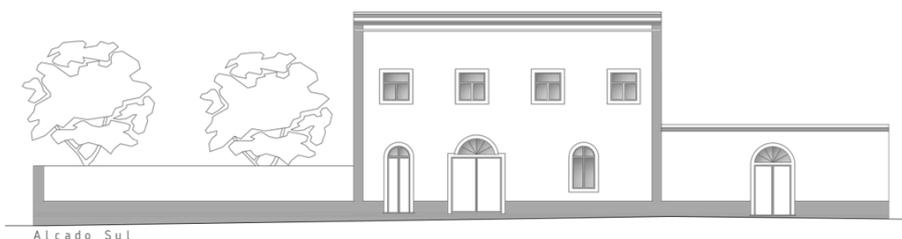


Mapa 5 | Implantação Boa Esperança

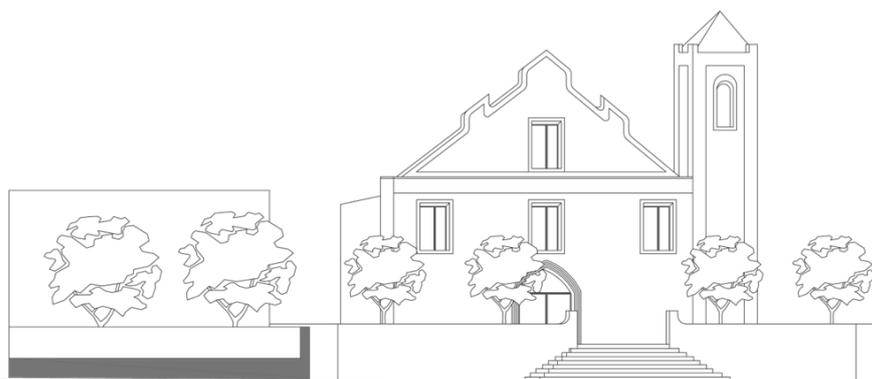
Com isto, não é possível saber quando surgiu a primeira construção após esta mudança. Após relatos de moradores e de antigos dirigentes da sociedade, que se recordam do local, é possível chegar a um estudo aproximado da construção que existia neste espaço no início do século XX.

5.2.2 Desenvolvimento do Alçado

Os relatos afirmam que existia uma construção de dois pisos praticamente com a mesma arquitectura que apresenta nos dias de hoje; o primeiro piso servia de habitação, e o piso térreo era ocupado por uma adega pertencente aos proprietários. Quanto aos terrenos em volta, existia um quintal do lado poente e um armazém para arrumos, do lado nascente.



Esquema 1 | Estudo de como seria o alçado inicial no início do século XX | Alçado Poente



Esquema 2 | Estudo de como seria o alçado inicial no início do século XX | Alçado Sul | Alçado principal da Igreja Matriz

Não se sabe ao certo quando a sociedade recreativa Fraternidade se instala neste espaço, ou quando foram feitas as primeiras intervenções para aumentar o espaço, mas é possível afirmar que esta se desenvolvia num pequeno primeiro andar, construído na parte poente, em que o piso térreo era ocupado por um armazém de comércio, independente de tudo o resto. Foi nessa altura que surgiu



Imagem 52 – Actual sede do Boa Esperança



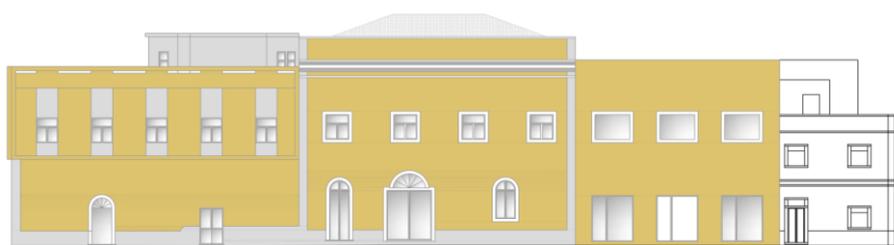
Imagem 53 – Actual sede do Boa Esperança

a primeira sala de espectáculos, onde hoje existe, apesar de apresentar dimensões mais reduzidas.

O incêndio que devastou o edifício fez com que este ficasse durante vários anos inactivo e praticamente ao abandono. Só com a passagem da sociedade recreativa Boa Esperança, foram feitas várias obras de reabilitação, que permitiram um novo funcionamento de todo o edifício, sendo no piso térreo ocupado por comércio e no primeiro piso pela sociedade recreativa.

No início da década de 60 foram feitas obras de ampliação do espaço, nomeadamente no primeiro piso, o que permitiu a evolução de um pequeno espaço coberto com um enorme terraço, para um espaço totalmente coberto, com uma nova linguagem arquitectónica, permitindo ainda a ampliação para um novo segundo piso, destinado ao balcão da sala de espectáculos e a uma novo terraço com vista para o largo da igreja, que continua até aos dias de hoje.

A nova ampliação, no lado nascente, foi feita recentemente, em 2010, com uma linguagem diferente do resto do conjunto, apesar de tentar seguir o ritmo e a simetria dos vãos.



Esquema 3 | Alçado actual do Boa Esperança | Alçado Sul



Esquema 4 | Alçado actual do Boa Esperança | Alçado Poente | Alçado principal da Igreja Matriz

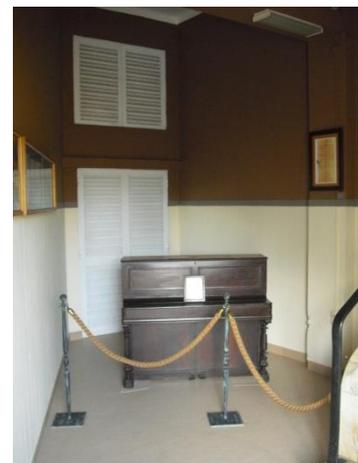


Imagem 54 – Foyer de entrada

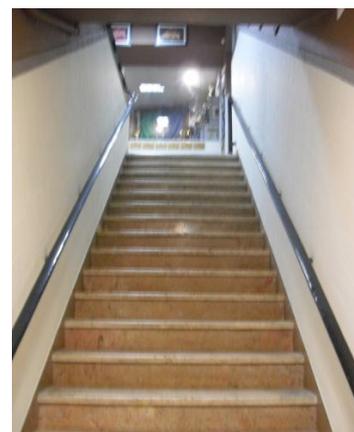


Imagem 55 – Escadaria de entrada

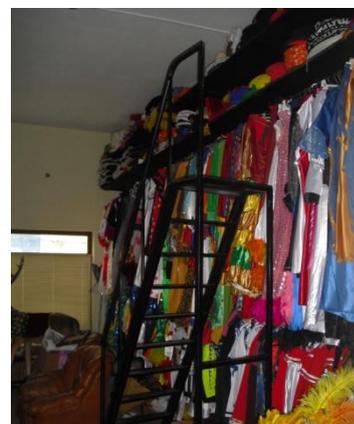
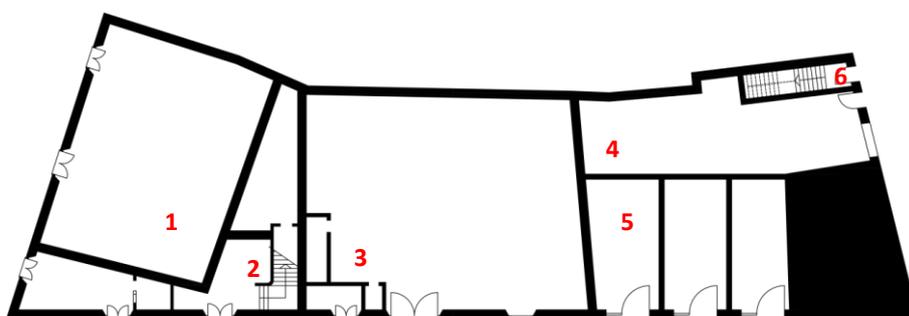


Imagem 56 – Zona de Arrumos

5.2.3 Caracterização dos Pisos

Quanto à descrição da planta do edifício existente, o piso térreo abrange cerca de 647m², e é a que se encontra mais “abandonada”, contendo apenas uma loja de festas de crianças, em funcionamento. Como se pode observar na figura oito, o primeiro espaço, com cerca de 128 m², corresponde à loja em funcionamento, enquanto o resto encontra-se um pouco esquecido e degradado. A entrada para o edifício principal, a sede do Boa Esperança, é feita pela zona dois, com uma área bastante reduzida, que tem acesso à escadaria para o primeiro piso. A zona três, com cerca de 181 m², foi recentemente reabilitada, mas serve apenas para arrumos.

O resto do edifício, zonas quatro e cinco, corresponde à nova intervenção, onde na zona quatro surge um novo espaço de arrumos, enquanto na zona cinco, foram criadas três lojas para arrendamento, onde são leccionadas algumas aulas de música desenvolvidas pela sociedade recreativa. Por fim, a zona seis, corresponde à entrada de artistas, que é feita através de uma escadaria metálica com grande inclinação. Legenda na figura seguinte.



Esquema 5 | Planta actual do piso térreo

No primeiro piso, figura nove, é onde se desenvolve a sociedade recreativa Boa Esperança, com instalações bastante antigas, com fracas condições de segurança e acessos. O acesso é feito por uma escada bastante íngreme, que causa dificuldades a muitas pessoas, principalmente idosos, e também não é possível o acesso a pessoas de mobilidade reduzida. Esta grande escadaria dá acesso ao *foyer* principal, zona um, onde se encontra a bilheteira e a sala da direcção,



Imagem 57 – Foyer principal



Imagem 58 - Bar



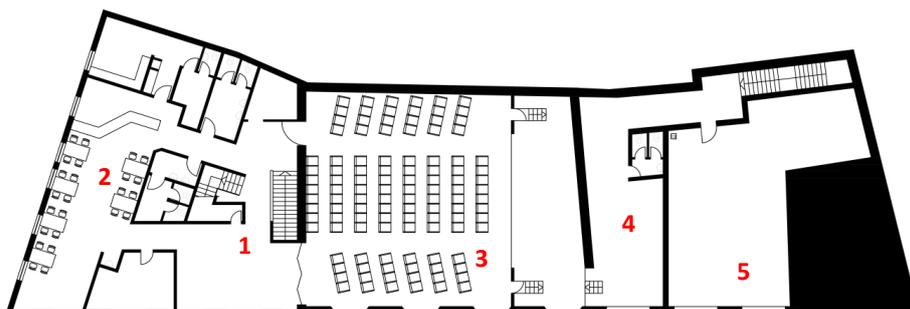
Imagem 59 – Sala de espectáculos

tudo no mesmo espaço. Este *foyer*, com cerca de 40m², faz a ligação entre o bar, zona dois, e a sala de espectáculos, zona três.

Quanto ao bar, zona dois, com cerca de 65 m², equipado com uma cozinha de 15 m², tem sofrido obras de remodelação ao longo dos últimos anos. Apesar do pouco espaço, a sociedade recreativa, tem tentado dar uma nova vida após vários anos de esquecimento por parte da população. Recentemente é utilizado para noites de fado, entre outras actividades.

A zona três, sala de espectáculos, com capacidade para cerca de 200 pessoas, tem uma área de aproximadamente 195 m², a contar com o palco. Tal como tem acontecido com o bar, a actual direcção do Boa Esperança, tem desenvolvido obras de recuperação e de melhoramento, a nível de imagem e equipamentos, mais visível no palco. Apesar de todas as obras que têm sido realizadas, continua a ser um espaço de dimensões reduzidas e de estrutura bastante antiga e fragilizada.

Por de trás do palco, existe um pequeno espaço para um único camarim, zona quatro, com cerca de 53 m², feito no decorrer da última intervenção, na nova ala nascente. Este está equipado com uma pequena instalação sanitária, e tem acesso ao enorme terraço, zona cinco, com cerca de 95 m², que se encontra sem qualquer tipo de uso, mas que está preparado para o aumento da sala de espectáculos. Esta nova ala é servida por uma nova escada de acesso exclusivo a artistas, que dá para à Rua da Igreja. Legenda na figura seguinte.



Esquema 6 | Planta actual do primeiro piso



Imagem 60 – Vista da régie

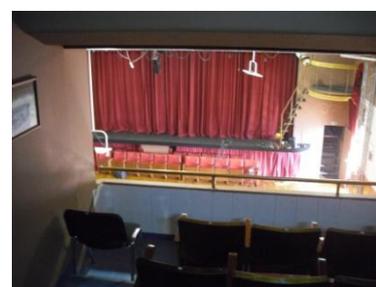
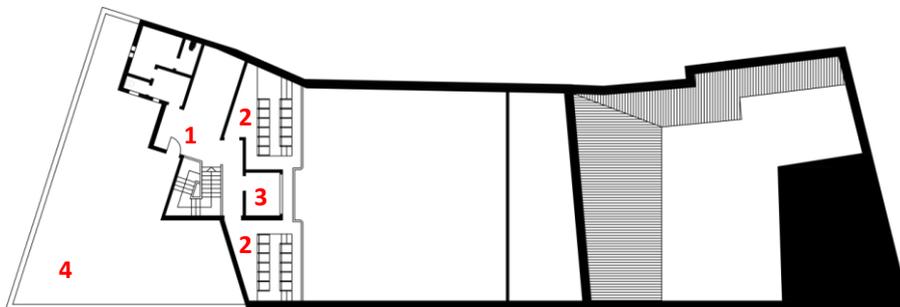


Imagem 61 – Vista do balcão



Imagem 62 – Vista da varanda

Finalmente, no segundo piso, figura dez, com cerca de 200 m², apenas é utilizado quando há certos tipos de espectáculos, em que seja necessário abrir o balcão, caso contrário, encontra-se quase sempre fechado, e sem qualquer tipo de uso. Este é composto por uma pequena sala de reuniões, zona um, com cerca de 20 m², que dá acesso ao balcão, zona dois, que se encontra dividido em dois, por causa da régie, zona três. O balcão, com uma área aproximada de 40 m², tem capacidade para 50 pessoas. O restante piso é composto por um enorme terraço, zona quatro, com cerca 115 m², que apresenta uma vista magnífica sobre a igreja, encontrando-se sem qualquer tipo de uso. Legenda na figura seguinte.



Esquema 7 | Planta actual do segundo piso

Capítulo VI

6.1 Proposta

6.1.1 Problemática

O local a intervir será o edifício onde está situada a sociedade recreativa Boa Esperança. Com o passar dos anos este edifício foi caindo em esquecimento, devido ao aparecimento de novas infra-estruturas na cidade com melhores condições e acessibilidades. O edifício proposto encontrasse ainda em funcionamento, mas com bastantes lacunas, tanto ao nível de acessibilidades, segurança, imagem e mesmo de condições no seu interior. Visto ser um edifício bastante antigo e desenvolver-se apenas no primeiro piso, o acesso é feito através de umas escadas bastante íngremes, o que dificulta o acesso a pessoas com dificuldades motoras, bem como em caso de emergência. Quanto às instalações, estas encontram-se bastante desactualizadas, algo degradadas, com necessidade de uma rápida intervenção de melhoramento.

Assim, o objectivo deste trabalho consiste na reabilitação e revitalização do espaço, tornando o edifício apelativo, cumprindo as normas de segurança, acessibilidades e de conforto, exigidas nos dias de hoje.

6.2 Memória Descritiva da Proposta

6.2.1 Conceito

Como já foi referido anteriormente, o tema desta proposta é a reabilitação e reconversão de um edifício antigo para um espaço novo e dinâmico, que traga de novo vida a esta zona esquecida da cidade. O conceito usado para esta intervenção, baseado na ideia de sociedade recreativa, é a criação de um edifício multifuncional que consiga albergar vários tipos de actividades, ou seja, este novo espaço consegue albergar actividades em simultâneo em todos os seus pisos.

Chegou-se à conclusão de que este espaço permitiria uma oferta muito maior e melhor da que apresenta actualmente se sofresse uma intervenção no seu interior. Assim será proposto um espaço totalmente renovado, através de uma reconversão total do seu interior, cumprindo todos os requisitos impostos para este tipo de actividade. Num edifício com estas dimensões, com estas características e com esta localização, é um “crime” estar apenas a ser usado em certas alturas do ano, com pouca oferta para a população.

“... eliminação de todos os elementos que possam dispersar a atenção.” (Referência 9)

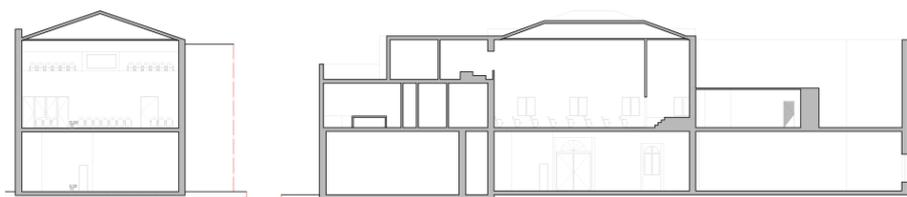
Após toda esta análise, e não esquecendo todo o passado do edifício, propõe-se uma reconversão e requalificação total do espaço, com o objectivo de criar um edifício multifunções, que dê uma maior oferta à população e que permita uma utilização em simultâneo de várias actividades dispersas pelos seus pisos. Descrevendo a nova proposta, esta baseia-se em torno do conceito de uma sala de teatro experimental, ou seja, um espaço que apresenta várias actividades e ofertas em simultâneo e que se vá transformando consoante a necessidade dos espectáculos ou das actividades nele desenvolvidas. Assim, propõe-se um espaço que albergue uma sala de teatro

experimental, que seja transformada consoante as necessidades, uma escola de artes, mais propriamente música, dança e teatro e, por fim, um espaço multifuncional, que tenha o mesmo conceito que a sala principal, que se vá moldando e transformando dependendo do tipo de utilização. Com este tipo de programa, surge um edifício com uma maior oferta e com uma excelente localização que permitirá uma nova vivência a esta zona da cidade.

"O teatro é a vida.(...) não podemos dizer que não haja diferença entre a vida e o teatro. (...) vamos ao teatro para reencontrar a vida mas se não existe nenhuma diferença entre a vida fora do teatro e a vida dentro do teatro, nesse caso o teatro não tem nenhum significado.(...) Mas se aceitamos que no teatro a vida é mais visível, mais legível que no exterior, verificamos que é ao mesmo tempo a mesma coisa e uma coisa um tanto diferente." (Referência 10)

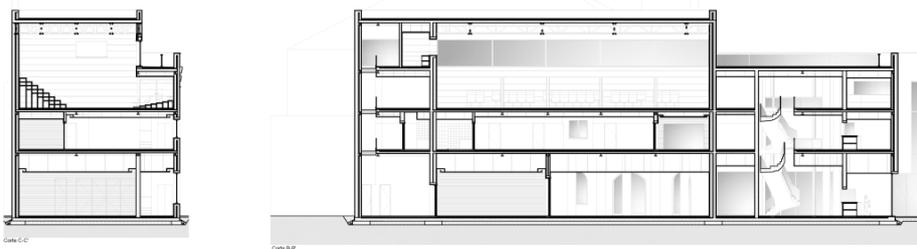
A principal característica da proposta para este espaço, é a ilusão criada entre interior e exterior, com o objectivo de provocar no observador a ideia de que, quando este é observado pelo exterior, dê a sensação que é composto por três edifícios distintos, mas que no seu interior seja um só edifício, onde contém todos os pontos do programa proposto.

Com a aplicação do novo programa, foram surgindo várias hipóteses de resolução da proposta. Assim surge uma importante alteração, que foi a base para a resolução de todo o projecto, ou seja, a passagem da sala de espectáculos para o segundo piso e a criação de um novo bloco na cobertura do edifício para permitir um maior pé direito. Esta alteração deu-se devido ao novo programa multifuncional, tornando-se na melhor opção para um maior aproveitamento do programa proposto.



Esquema 8 – Cortes do edifício actual

Como primeira hipótese seria manter a sala de espectáculos no primeiro piso, onde actualmente se encontra, o que iria limitar todo o restante programa devido à falta de área, não sendo possível colocar salas de aulas; a sala multifuncional, bem como todos os serviços necessários a este tipo de edifício, por estes necessitarem de bastante espaço. Após observar-se que esta solução não seria adequada ao programa proposto, pensou-se em colocar a sala de espectáculos no piso térreo, mas por não existir pé direito suficiente, também não seria uma boa solução. Este possui um pé direito de 5m, o que não seria viável, devido à necessidade de colocação de estruturas para o auxílio de luzes e som, bem como outro tipo de material usado durante um espectáculo. Posto estas duas hipóteses e após verificar que não seria possível responder às exigências propostas, surge a solução final apresentada, a colocação da sala no segundo piso e, conseqüentemente, a substituição do telhado de duas águas existente por um novo bloco de linhas sóbrias, proporcionando um maior pé direito. Com esta alteração é possível uma utilização total do piso térreo e do primeiro piso, para o programa proposto.



Esquema 9 – Cortes da proposta

Outra característica fundamental para o desenvolvimento da proposta, foi a criação de uma centralidade, iniciada no exterior, com a manutenção de uma linguagem arquitectónica existente, do edifício central, e no interior, com a colocação dos espaços principais do programa, também no edifício central. Isto permite que os pontos principais do programa proposto, sala de espectáculos, zona de escola, e espaço multifuncional, se desenvolvam no centro de toda a proposta, adquirindo um papel mais importante, começado no

exterior e transposto para o interior. A par desta alteração houve a necessidade de ampliar, no seu interior, o actual edifício central, para que todos os espaços principais tivessem mais área. A nível interior esta alteração permite uma maior liberdade no desenvolvimento dos espaços, enquanto que a nível exterior, não permite uma centralidade da nova estrutura, criada para a ampliação da sala de espectáculos, em relação à fachada.

6.3 Descrição dos pisos

Começando com a descrição das plantas dos pisos, é de realçar que todas elas possuem uma característica comum entre si, ou seja, a planta livre, possibilitando uma maior diversidade dos espaços internos, bem como mais flexibilidade na sua articulação. Esta liberdade de circulação, a par da centralidade já referida, foi sempre um dos pontos essenciais no desenvolvimento da proposta. Outro ponto, não menos importante, foi a divisão do programa proposto, pelos diferentes pisos do edifício, permitindo assim que, o espaço multifuncional ocupasse o piso térreo, as salas de aula ocupassem o primeiro piso e, por fim, a sala de espectáculos o segundo piso. Esta divisão provoca diferentes tipos de uso, sendo no piso térreo um uso mais geral, usado por todo o tipo de pessoas, sem qualquer tipo de dificuldade de acesso, no primeiro piso, um uso mais calmo, mais reservado às pessoas que frequentam as salas de aulas e, por fim, no segundo piso, um uso mais restrito, usado somente quando existe um espectáculo. Isto permite uma maior dinâmica do edifício, onde todos os pisos possam ser usados de forma independente, tanto com actividades, como por vários tipos de pessoas, não interferindo umas com as outras.

De destacar no novo edifício, é a monumentalidade provocada, no exterior pelo enorme envidraçado criado, para uma maior iluminação, e no interior pela zona de entrada. A entrada do novo Boa Esperança tenta transmitir ao observador monumentalidade e imponência, provocando o interesse a não permanecer apenas no piso térreo, mas de descobrir outros espaços do próprio piso, bem como os pisos superiores. Esta noção é provocada por duas filas de enormes colunas que percorrem toda a altura do edifício. A primeira, de frente para a entrada principal, faz a separação entre o espaço de chegada, de todos os outros espaços do piso. Esta, devido ao seu posicionamento não ser paralelo à fachada, provocando a sensação de afunilamento, “empurra” o observador, obrigando-o a entrar para



Imagem 63 – Foyer da proposta



Imagem 64 – Vista do corredor proposta

descobrir o que o edifício oferece. A segunda fila de colunas, acompanha a escadaria de distribuição para os restantes pisos, e faz a separação entre os *foyers* principais de cada piso, área um, da zona de trabalho, área dois, como é o caso da bilheteira no piso térreo, a secretaria no primeiro piso, e o bar no segundo piso. Outro dos aspectos para provocar esta monumentalidade, é a criação de uma *mezzanine* logo à entrada, que se situa no primeiro e segundo pisos, dando assim uma maior iluminação a todos os pisos do novo edifício.

Em relação ao restante piso, este encontra-se equipado com, uma zona de bilheteira e secretariado de todo o edifício, área três, com um total de 30 m², sala multifunções, área quatro, com 117 m², seguida de uma sala polivalente, mais pequena, área cinco, com 40 e um m², um bar e cozinha de apoio, área seis, com 21 m². Estas três áreas, foram pensadas para trabalhar como um só, ou independentes umas das outras, isto é, a sala multifunções pode ser usada como café concerto ou restaurante, apoiada pela cozinha, enquanto que a sala cinco pode ser usada ao mesmo tempo, como sala de exposições, conferências ou de projecção, ou podem ser usadas em conjunto, estando a sala quatro como sala de exposições e a sala cinco como continuação da exposição, ou sala de projecção sobre o tema, estando a cozinha a dar apoio a estes dois espaços. É um espaço que se adapta consoante a necessidade, seguindo o conceito principal de todo o edifício.

Com acesso directo do exterior, e também através de um enorme corredor interior com origem no *foyer* principal, encontra-se a entrada para artistas, área sete. Esta não se encontra separada do público geral por nenhuma barreira física, permitindo uma maior proximidade com os artistas, seguindo o conceito de teatro experimental. Existe ainda um pequeno balcão de apoio, e ligação directa à zona de camarins no piso superior.



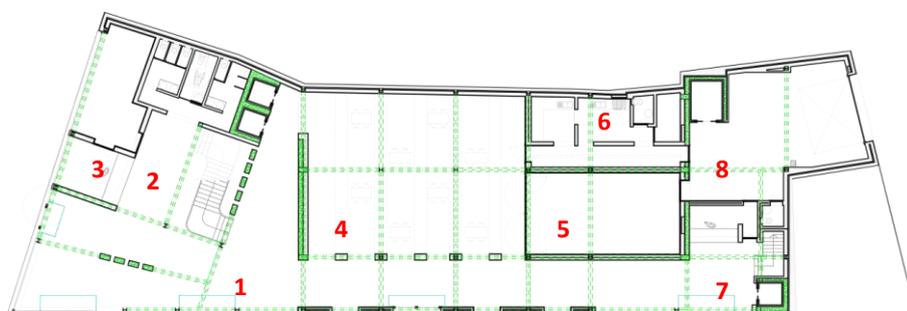
Imagem 65 – Vista da bilheteira



Imagem 66 – Entrada de artistas

Por fim, foi colocada uma oficina, com 60 m², na zona mais escondida de todo o edifício, área oito. Este espaço serve não só de oficina, mas como zona de arrumos, e principalmente para entrada e saída de material, encontrando-se equipada com monta-cargas com ligação directa à sala de espectáculos.

É de realçar que todo este novo espaço, ao contrário do existente, em conjunto com duas escadas de acesso aos pisos superiores, uma para o público geral, outra para artistas, está equipado com sistema de elevadores, para que todo o tipo de pessoa possa aceder a qualquer dos pisos sem qualquer tipo de problema.



Esquema 10 | Proposta do piso térreo

No primeiro piso, que contém as salas de aulas, o *foyer*, área um, apresenta o mesmo conceito que o piso térreo e o segundo piso, com a separação entre a zona de público geral e de trabalhadores da escola, bem como o vazio para o piso inferior, o que permite observar a entrada principal do edifício, e também para o piso superior, permitindo uma maior iluminação natural. Em termos de apoio ao funcionamento do piso, neste encontra-se a secretaria da escola, área dois, com 10 m², e um escritório de direcção, área três, com 30 m², com um pequeno espaço para arquivo.

Na zona central do piso, como área mais importante, encontram-se as seis salas de aula, área quatro, destinadas a música, dança ou teatro, apoiadas por balneários femininos, masculinos e para pessoas com dificuldades motoras. Todas elas, individuais ou de grupos, serão revestidas com material de absorção sonora, para uma melhor qualidade acústica. Outra característica destas salas são os grandes



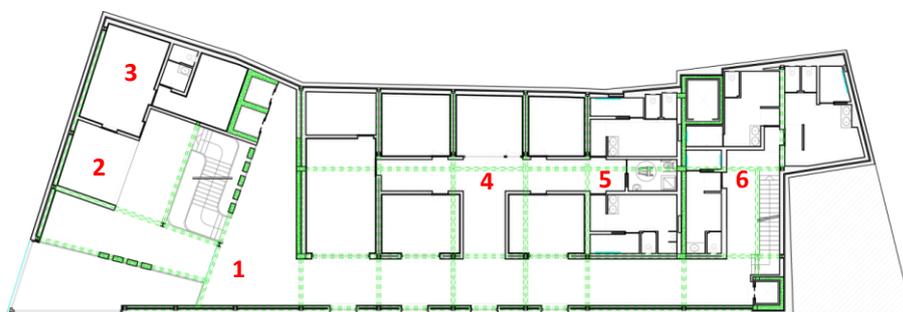
Imagem 67 – Vista primeiro piso



Imagem 68 – Ssecretaria, primeiro piso

vãos envidraçados, existentes em quatro destas, para permitir uma melhor iluminação natural, sobrando apenas duas salas de dimensões mais reduzidas, sem qualquer tipo de entrada de luz natural. Quanto aos balneários, estes encontram-se totalmente equipados, com instalações sanitárias, duches e mobiliário adequado, para um melhor conforto dos alunos.

Tal como acontece no piso térreo, iniciado no *foyer* principal, surge um corredor paralelo à fachada principal, que faz a ligação à zona de camarins, área seis, também esta sem qualquer tipo de divisão, para que possa existir contacto entre alunos e artistas, para partilha de ideias ou informações. Neste espaço foram colocados três camarins, todos eles com áreas diferentes, podendo ser usados individualmente ou por grupos, totalmente equipados, com instalação sanitária, duche e mobiliário adequado. Por fim, esta ala do edifício tem acesso directo ao espaço de preparação para os artistas, que antecede a entrada para a sala de espectáculos.



Esquema 11 | Proposta do primeiro piso

O segundo piso resultou do aproveitamento da varanda existente, o que permitiu uma maior área para albergar o equipamento necessário de apoio à sala de espectáculos. Assim nasce um novo piso, maior que o existente, onde foi possível criar um *foyer*, área um, idêntico aos dos pisos inferiores, com o mesmo conceito e características, mas neste, o equipamento existente é o bar, área dois, totalmente equipado, com cozinha e zona de arrumos, para que possa ser usado sem que a sala de espectáculos esteja em utilização, aproveitando a vista provocada pelo enorme envidraçado que marca o gaveto do quarteirão. Contudo, a sala de espectáculos, área três, é



Imagem 69 – Corredor primeiro piso



Imagem 70 – Sala de aula

o espaço principal deste novo piso. Como já foi explicado anteriormente o motivo pelo qual a sala passou para o segundo piso, este novo espaço, com 260 m², e um pé direito de 6,60 m, na parte mais alta, está preparado para receber vários tipos de espectáculos. Uma das principais características é o facto de não possuir plateia fixa. Esta é feita através de módulos de bancadas, criados especificamente para este espaço, que se montam/desmontam e se colocam consoante o tipo de utilização pretendida. Assim, este espaço pode ser usado, entre outros, para um concerto, uma peça de teatro, um desfile de moda, ou como sala de projecção. Apesar de todos estas mudanças possíveis, este espaço não possui sempre o mesmo pé direito, criando, à semelhança dos pisos inferiores, uma espécie de corredor, com 3 m de pé direito, marcado pela nova estrutura metálica inserida no edifício. Esta diferença, deve-se ao facto de não ser possível ultrapassar a cércea existente, o que fez com que o novo bloco criado na cobertura, tivesse que ser recuado, daí esta diferença de alturas. Na área quatro, surge o espaço de preparação dos artistas, com 42 m², vindos do piso inferior, dos camarins, antes da entrada na sala principal. Neste espaço existe ainda uma pequena sala destinada a arrumos de material, com 13 m², bem como a saída do monta-cargas.

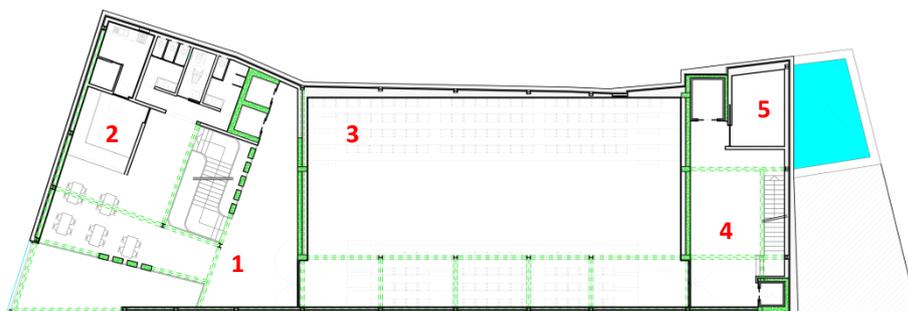
Toda esta ala do novo edifício, devido a ser zona técnica e de artistas, não possui qualquer tipo de iluminação natural. Isto deve-se, para na parte técnica “esconder” todo o material técnico que estes espaços detêm, enquanto que na zona de artistas, destina-se a provocar uma maior concentração, retiro, que muitos artistas necessitam antes da entrada em palco.



Imagem 71 – Sala de espectáculos



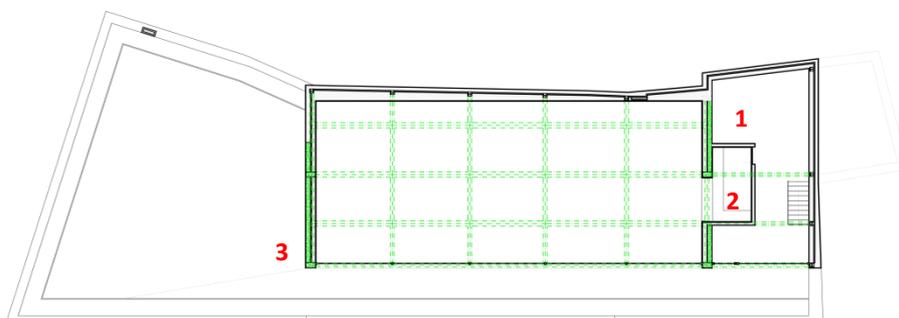
Imagem 72 – Vista da régie



Esquema 12 | Proposta do segundo piso

Por último, o terceiro piso destina-se apenas à parte técnica do edifício. Este é composto por uma sala destinada a material de apoio à sala de espetáculos, área um, com 42 m², onde está incluída a régie, área dois, com 9 m². Este pequeno piso é o resultado do novo bloco criado para aumentar o pé direito da sala de espetáculos. Neste destacam-se as grandes treliças metálicas, destinadas ao suporte da nova laje de cobertura, bem como o suporte de material técnico para os variados tipos de espetáculos. Outra característica, é o grande vão envidraçado que a sala de espetáculos possui, podendo ser fechado, consoante o uso pretendido.

Quanto ao resto do piso, será composto por um enorme terraço, área três, destinado apenas a zona técnica do edifício, não podendo ser utilizado pelo público em geral. Esta restrição resulta do conceito de tentar manter o público no interior do edifício, para que este desfrute de todos os novos espaços, vistas e ambientes criados, bem como, de todos os programas desenvolvidos nos diferentes pisos.



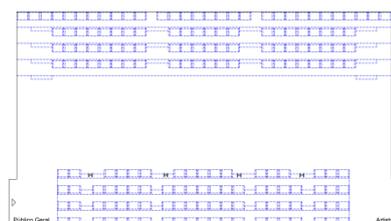
Esquema 13 | Proposta do terceiro piso

6.4 Esquemas de Organização da Sala de Espectáculos

Para uma melhor utilização da nova sala de espectáculos, foram criados módulos de bancadas amovíveis, para que esta seja montada e desmontada de forma simples e rápida, consoante o tipo de uso pretendido. Assim, os seguintes esquemas, inspirados nos tipos de organização da sala do Teatro Vila Velha, mostram como funcionam as novas bancadas.

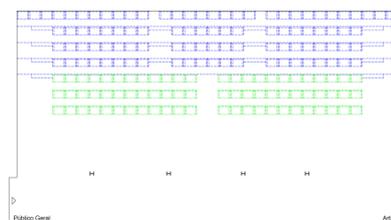
Em todos os casos, a entrada na sala para o público geral será feita sempre pelo lado esquerdo, enquanto a entrada de artistas será feita pelo lado direito, devido à proximidade com os camarins. Quanto ao esquema de cores, as bancadas estão representadas a cor azul, enquanto as plateias a cor verde.

Esquema 1: permitirá a colocação do espectáculo no centro da sala, oferecendo uma maior área de acção. Esta organização da sala será composta apenas por bancadas, tendo uma ocupação de 186 espectadores, podendo ser utilizada para qualquer tipo de espectáculo que não seja necessário a colocação de cenários.



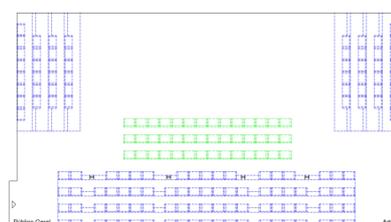
Esquema 14 – Organização 1

Esquema 2: o espectáculo será colocado numa das extremidades da sala, onde a parte da sala com o pé direito mais baixo, ficará desocupada, podendo servir para a colocação de cenários, enquanto a acção se desenrola na frente dos pilares metálicos. Esta será composta por, 72 espectadores na bancada e 96 na plateia, permitindo uma ocupação total de 168 espectadores.



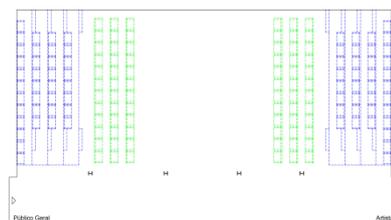
Esquema 15 – Organização 2

Esquema 3: neste caso a área de espectáculo, será colocada na extremidade oposta do esquema dois, permitindo um maior pé direito ao espectáculo desenvolvido. Poderá ser utilizado para espectáculos de dança ou concertos. Esta será composta por bancadas que ficarão de frente para o espectáculo, por bancadas laterais e por plateia. Assim a plateia será composta por 42 lugares, e as bancadas por 132 lugares, o que faz um total de 174 espectadores.



Esquema 16 – Organização 3

Esquema 4: o espectáculo será desenvolvido novamente no centro da sala, mas apenas com bancadas laterais, ficando um corredor de circulação livre. Neste caso será para espectáculos mais intimistas, devido ao menor número de espectadores, e por estes se encontrarem mais próximos dos artistas. Esta sala será composta por 72 lugares de plateia e 72 de bancada, o que permite 144 espectadores no total.



Esquema 17 – Organização 4

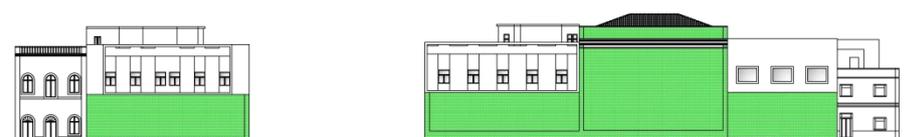
6.5 Estudo do Alçado

Como primeira análise feita ao edifício, foi a intervenção que irá ser realizada a nível do alçado que ganhou mais destaque, colocando a seguinte problemática. Irá ser mantido tal e qual como está? Irá sofrer ligeiras alterações? Terá uma nova linguagem? Foram algumas das perguntas feitas durante o processo de estudo do alçado.

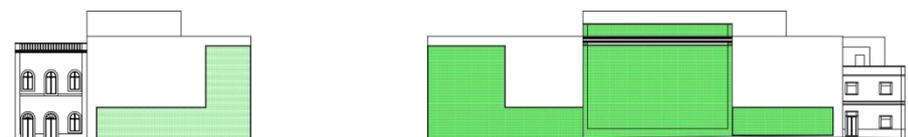
Após esta análise chegou-se à conclusão de manter o edifício central, devido à sua imponência, o seu traçado e a sua história, conjugando-o com uma nova linguagem arquitectónica alusiva aos dias de hoje, mas que transmitisse todas as linhas de força existentes desde a construção original. Assim, e tal como mostram os esquemas oito, nove e dez, a ideia é a conservação da horizontalidade que sempre existiu, tanto através do muro do quintal, como do armazém, e já com a construção do actual edifício, com a diferença de linguagem entre o piso térreo e o primeiro piso.



Esquema 18 | Estudo Alçado Poente | Alçado Sul



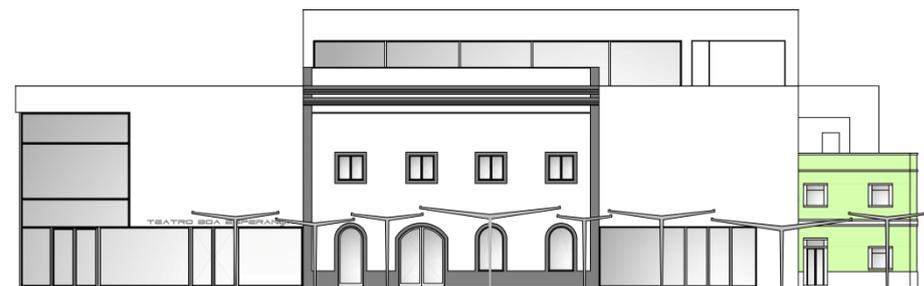
Esquema 19 | Estudo Alçado Poente | Alçado Sul



Esquema 20 | Estudo Alçado Poente | Alçado Sul

Com a manutenção desta horizontalidade surge uma nova linguagem mais limpa, contendo apenas um grande envidraçado horizontal que ladeia o edifício central, enquanto que no gaveto do quarteirão este

sobe até ao segundo piso, com o objectivo de uma melhor iluminação interior, mas mais importante, para marcação do gaveto.



Esquema 21 | Proposta alçado Sul



Esquema 22 | Proposta alçado Poente

6.6 Intervenção na Envolvente

No exterior também foram feitas intervenções de requalificação, principalmente no largo da igreja e na Rua do Bispo D. Afonso de Castelo Branco. Actualmente, existe circulação automóvel em torno de toda a igreja, misturando-se com o trânsito pedonal, o que causa bastante transtorno para ambas as partes. Após análise cuidada de todos estes pontos, chegou-se à conclusão que também toda esta área merecia especial atenção de modo a que permitisse o destaque do edifício proposto, bem como da igreja.

Actualmente, esta área não dá o destaque merecido à sua envolvente, uma vez que apresenta alguma inclinação e uma calçada bastante antiga, polida e muito irregular, tornando bastante perigoso para quem lá circula, principalmente para as pessoas mais idosas, que são quem usa mais frequentemente esta zona da cidade.

Com isto, o objectivo da intervenção realizada é uma maior facilidade e conforto de circulação pedonal. Uma das principais intervenções, é tornar a Rua do Bispo D. Afonso de Castelo Branco apenas para circulação pedonal, impedindo o tráfego automóvel. Com esta alteração ganha-se uma nova zona de lazer mais segura, uma vez que actualmente as entradas principais para o edifício do boa esperança são feitas directamente na estrada por onde circulam os automóveis, não existindo qualquer tipo de passeio. Assim com esta alteração as entradas para o edifício proposto dão directamente para esta nova rua. A característica desta nova rua é a implementação de várias estruturas com forma de "chapéu-de-sol" com diferentes alturas, criando assim um espaço com vários tipos de luz e sombra, consoante a hora do dia. Outra alteração proposta é "acabar" com a inclinação existente, tornando a rua mais "plana" para que se torne mais confortável a circulação, mais propriamente, a pessoas com mobilidade reduzida. Com isto cria-se uma nova área de lazer, com bancos e espaços verdes enaltecendo o edifício proposto.

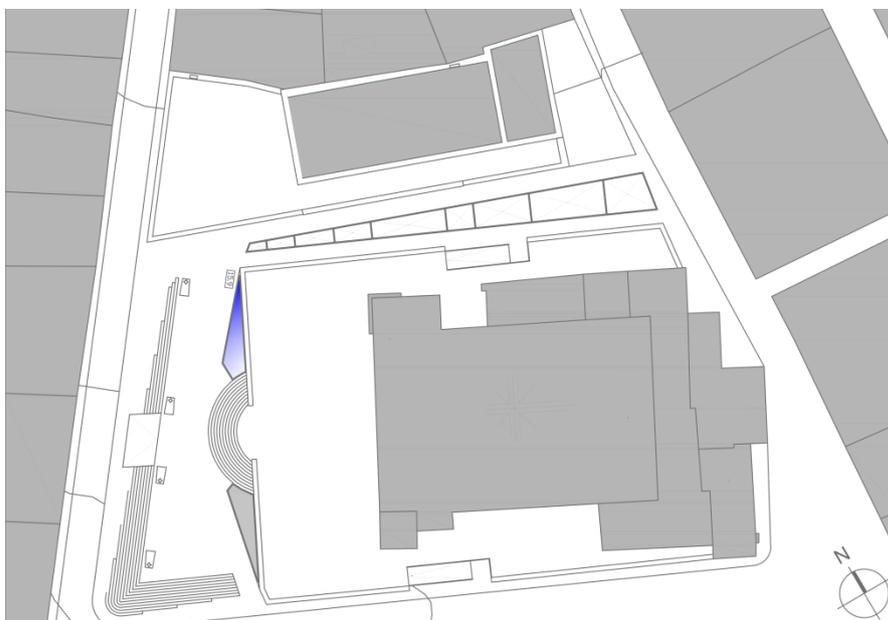


Imagem 73 – Vista exterior proposta



Imagem 74 – Vista exterior proposta

Quanto ao largo da igreja, é o que sofre maiores intervenções, onde se propõe "acabar" também com a inclinação existente, fazendo uma continuação da Rua do Bispo D. Afonso de Castelo Branco, tornando este largo uma praça, em que toda ela apresenta a mesma cota, o que permite uma circulação mais segura, removendo toda a calçada irregular e gasta. Assim surge uma praça acolhedora, com acesso através de escadaria, marcando a diferença entre a circulação automóvel e a circulação pedonal, com rampas de acesso a pessoas com mobilidade reduzida, e ainda dois espelhos de água, com a escadaria da igreja no centro, dando uma certa solenidade, por este espaço ser um espaço de reflexão.



Mapa 6 | Implantação da proposta Boa Esperança

Capítulo VII

7.1 Considerações Finais

O tema da reabilitação e reconversão de usos, é sempre difícil e complexo de se realizar, devido a uma série de pontos essenciais que se devem respeitar para que o património perdure no tempo. A importância da manutenção da “memória” do lugar e do edifício poderá constituir o aspecto mais importante a alcançar. Apesar do objectivo final passar por uma nova estrutura, diferente da existente, a sua valorização depende pelo facto de estar integrada num edifício antigo, onde se torna importante que a intervenção no património seja realizada com esse intuito, o de permitir a continuidade do edifício, fruto de sobreposições e camadas de história que irão reflectir a sua evolução.

As diferentes soluções encontradas, bem como os resultados alcançados, apresentam-se como caminhos possíveis na reconversão de usos, não podendo ser encarados como soluções únicas, mas sim, influenciar a abordagem de um arquitecto em posteriores intervenções. As intervenções feitas no passado, apenas podem contribuir para a construção de uma nova e mais completa maneira de actuar, aprendendo, de igual modo, com as acções bem-sucedidas, assim como, com os erros cometidos.

O estudo realizado sobre o edifício existente pode revelar-se bastante subjectivo, ou seja, a semelhança entre os usos, entre o antigo e o proposto, não pode ser encarada como um factor atenuante da intervenção, pois esta requer o mesmo tipo de cuidado que qualquer outra obra executada sobre edifícios antigos. A importância não se centra no tipo de adaptação ou na semelhança de usos, mas sim no facto de se tratar de património, uma herança comum, cuja intervenção não pode ser considerada de ânimo leve.

As características do edifício alvo, requerem uma abordagem única, de métodos e critérios que conjugados resultem numa fase

construtiva que deve contribuir para a continuidade histórica do edifício, mas que acima de tudo, que a intervenção valorize o significado inerente ao património edificado em questão.

Se por um lado, este tipo de intervenções pode ter uma acção bastante positiva sobre edifícios antigos, com alguma falta de manutenção, por outro, a decisão de intervir, alterando o seu uso, pode levar a intervenções mal executadas que prejudiquem, ou anulem, a imagem histórica do edifício. Na incerteza, o que poderá ser mais correcto? Manter um edifício entregue à degradação, ou arriscar numa intervenção que pode levar à deturpação da história do edifício? Porque a reabilitação de um edifício supõe a manutenção do existente, a sua recuperação, de modo que este permaneça vivo para o futuro, independentemente das adições de obra nova realizadas.

Quanto à reintrodução na sociedade do património antigo, é importante referir que, considerando os exemplos estudados, este tipo de reconversão de usos tem sido bastante bem sucedido no sentido em que o público que o procura, necessitado de animação, procura este tipo de espaço, para um “esquecer” dos problemas existentes, aproveitando ao máximo, enquanto assistem a um determinado espectáculo, ou fazem parte de alguma actividade nele desenvolvida, que é tudo o que este programa propõe. Além de se apresentarem como uma mais-valia para quem os visita, este tipo de edifícios, acabam por desempenhar um importante papel para as localidades onde se inserem, ou seja, para além de criarem empregos, motivam o turismo local e vizinho, proporcionando o crescimento económico da zona. Conclui-se portanto, tratar-se de uma reconversão de usos que cumpre a sua função de modo satisfatório, tanto para com o passado como para a sua nova utilização.

Notas

Nota 1 - Teatro burguês defende a revolta do indivíduo contra qualquer regra que o impede de expressar os seus próprios sentimentos, o desejo de liberdade absoluta e a procura da beleza. O desespero e decepção são características, devido à frustração do indivíduo para confrontar as suas ideias de liberdade. Defende um teatro sem regras, com cenários variados, onde o tempo é reduzido ou aumentado de acordo com o autor, apresentado em prosa ou verso misto. Fonte:<http://centrodeartigo.com/perguntas-artes-humanidades/resposta-10229.html>. **(Pág. 42)**

Nota 2 - Teatro Comercial, também conhecido por "teatro burguês" é do gosto da grande maioria das classes médias, da alta burguesia e da aristocracia, onde no seu trabalho se reflecte o *modus vivendi*, bem como as suas expectativas morais e ideológicas. No início do século XX, eram tendências teatrais triunfantes, vindas do final do século XIX. O chamado teatro comercial contou com o apoio da burguesia, onde a sua finalidade era distrair. Fonte: <http://literaturaiesalagon.wikispaces.com/Teatro+comercial>. **(Pág. 42)**

Nota 3 - Antoine Marie Joseph Artaud, 1896-1948, conhecido como Antonin Artaud foi um poeta, actor, escritor, dramaturgo, roteirista e director de teatro francês de aspirações anarquistas. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Antonin_Artaud. **(Pág. 42)**

Nota 4 - Jacques Copeau, 1879-1949, foi um importante director, autor, dramaturgo e actor de teatro francês. Fundador do importante Théâtre du Vieux-Colombier em Paris, Copeau torna-se crítico de teatro de vários jornais franceses. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jacques_Copeau. **(Pág. 42)**

Nota 5 - Erwin Friedrich Maximilian Piscator, 1893-1966, foi um director e produtor teatral alemão que, junto com Bertolt Brecht, foi um dos expoentes do teatro épico, um género que privilegia o contexto sociopolítico do drama. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Erwin_Piscator. **(Pág. 42)**

Nota 6 - Eugen Berthold Friedrich Brecht, 1898-1956, foi um destacado dramaturgo, poeta e encenador alemão do século XX. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Bertolt_Brecht. **(Pág. 42)**

Nota 7 - Teatro Proletário é o nome do grupo de teatro fundado em 1919 por Erwin Piscator. Com clara intenção política e de propaganda, Piscator utilizou diferentes recursos (rótulos, filmes) para conseguir o maior efeito sobre o público, nos seus trabalhos apresentados em bairros da classe trabalhadora. Fonte: http://es.wikipedia.org/wiki/Teatro_Proletario. **(Pág. 43)**

Nota 8 - Género teatral teorizado por Bertold Brecht que contrasta com o teatro Aristotélico, da mesma forma que a epopeia e drama se opõem, como narração e acção. É um teatro de cunho narrativo, que recusa a ilusão, utilizando para isso efeitos de distanciação, de forma a preservar uma atitude crítica por parte do espectador e uma eficácia pedagógica que o drama, ao apelar à identificação e à comoção, não possui. Fonte: http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&link_id=30:teatro-epico&task=viewlink. **(Pág. 43)**

Nota 9 – D. Gonçalo Vaz de Castelo Branco, I Senhor da Vila Nova de Portimão. Foi Senhor da Honra do Sobrado e dos Direitos Reais da Terra de Paiva, tendo sido ainda agraciado, por D. Afonso V, com o senhorio donatário de Vila Nova de Portimão, com toda a jurisdição cível e crime e os direitos Reais das Judiarias. Fonte: <http://memoriadanacao.blogspot.pt/2013/04/uma-grande-figura-quinhentista.html>. **(Pág.50)**

Referências

Referência 1 - (A praça é o Povo. A Arquitectura de Fábio Penteadó, resumo, pág. 2). **(Pág. 21)**

Referência 2 - (Revista AU, entrevista ao arquitecto Fábio Penteadó). **(Pág. 22)**

Referência 3 - (Revista AU, entrevista ao arquitecto Fábio Penteadó). **(Pág. 22)**

Referência 4 - (Gonzalo Diaz-Y. Recasens in Arquitectura Ibérica N.º 12 – Reabilitação, pág. 28). **(Pág. 25)**

Referência 5 –
(<http://www.jornalbeiradorio.ufpa.br/novo/index.php/2005/67-edicao-28/802-especialistas-projetam-teatro-experimental>). **(Pág. 44)**

Referência 6 -
(<http://www.visitalgarve.pt/visitalgarve/vPT/DescubraARegiao/179/Concelhos/Portimao/Concelho/>). **(Pág. 50)**

Referência 7 –
(<http://www.visitalgarve.pt/visitalgarve/vPT/DescubraARegiao/179/Concelhos/Portimao/Concelho/>). **(Pág. 50)**

Referência 8 - (As Muralhas de Portimão, pág. 16). **(Pág. 56)**

Referência 9 - (Neufert, Arte de Projectar em Arquitectura, Editorial Gustavo Gili, S.A., 13ª edição, 1998, teatros, pág. 338). **(Pág. 63)**

Referência 10 – (Peter BROOK, Peter, O Diabo é o aborrecimento, p. 18, 1993.) **(Pág. 65)**

Referências Bibliográficas

Livros:

- BENEVOLO, Leonardo (1984). A Cidade e o Arquitecto. Lisboa: Edições 70.
- BENEVOLO, Leonardo (1997). Diseño de la Ciudad. Barcelona: Editorial Gustavo Gilivols.
- BENEVOLO, L. (2011). A Cidade e o Arquitecto. Lisboa: Edições 70 (obra original publicada em 1984).
- CARRAPIÇO, Francisco José, PALHINHA, A., BRÁZIO, José (1974). "As muralhas de Portimão, subsídios para o estudo da História Local", Portimão.
- DIAS, M. G. (2010). "Mobilidade, Densificação e Transformação" in RODRIGUES, José et al, Teoria e Critica de Arquitectura - Século XX. Lisboa: Caleidoscópio.
- GONZALO DIAZ-Y. Recasens in Arquitectura Ibérica N.º 12.
- LAMAS, J. (2010). Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- KOOLHAS, R. (2006). La Ciudad Genérica. Barcelona: GG Mínima (obra original publicada em 1989).
- MARIA DA GRAÇA MATEUS VENTURA e MARIA DA GRAÇA MAIA MARQUES, (1993). PORTIMÃO, Cidades e Vilas de Portugal, Editorial Presença, 1ª edição.
- NEUFERT, (1998) Arte de Projectar em Arquitectura, editorial Gustavo Gili, S.A., 13ª edição.
- PALLASMAA, J. (2011). Os Olhos da Pele-A arquitetura e os sentidos. Bookman.
- RODRIGUES, Jacinto (2007). Pedagogia para uma Sustentabilidade. Portimão: Edições ISMAT – cadernos de arquitectura.
- RUSKIN, J. (2008). Lamp of memory. London, UK: Penguin Books LTD (obra original publicada em 1849).

- VENTURA, Maria da Graça Mateus, MARQUES, Maria da Graça Maia, Cidades e Vilas de Portugal, "Portimão", Lisboa, 1993
- VIEIRA, José Gonçalves, "Memória monographica de Villa Nova de Portimão", Portimão, 1911
- VIOLLET-LE-DUC. (1987). Le Dictionnaire d'architecture. Bruxelles: A Morel, Editeur. (obra original publicada em 1868).

Web:

- <http://fbracaraugusta.org/edificio-gnracion-distinguido-com-premio-nacional-de-reabilitacao-urbana/>
- <http://bragacool.com/sair/gnracion-quartel-criativo>
- [http://centroartegracamorais.cm-braganca.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=28427,](http://centroartegracamorais.cm-braganca.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=28427)
- <http://construcaoreabilitacao.wordpress.com/2014/09/29/reabilitacao-do-cine-teatro-da-academia-almadense-pela-betonit/>
- <http://ccolgacadaval.simply-webpace.com.pt/historia-do-edificio/>
- <http://www.afaconsult.com/portfolio/61111/92/centro-de-arte-contemporanea-graca-morais>
- http://centroartegracamorais.cm-braganca.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=27552
- http://centroartegracamorais.cm-braganca.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=27699
- <http://www.teatrovilavelha.com.br/historia>
- <http://www.teatrovilavelha.com.br/informacoes-tecnicas>
- http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=31&Itemid=2http://criticateatralma.blogspot.pt/2011/06/o-teatro-comercial-e-o-teatro.html
- <http://www.ccpn.mx/porque-el-centro-cultural-paso-del-norte/>
- <http://noticias.arquived.com.mx/shwArt.ared?idArt=719>
- <http://www.ccpn.mx/sala-experimental-octavio-trias/>

- [http://www.infopedia.pt/\\$igreja-matriz-de-portimao](http://www.infopedia.pt/$igreja-matriz-de-portimao)
- <http://www.cm-portimao.pt/index.php/teste2/balcao-virtual/consultas-publicas/a-decorrer-2/centro-historico/2032-memoria-descritiva-arq-centro-historico/file>
- <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74639/>
- <https://ahistorianacidade.wordpress.com/2009/12/08/estudo-s-toponimicos-ii/>
- <http://jospadafeio.blogspot.pt/2009/08/matriz-de-vila-nova-de-portimao.html>
- <http://radix.cultalg.pt/visualizar.html?id=11626>
- <http://www.pronorma.pt/specs/paineisacusticosmadeira.pdf>
- <http://portuguese.woodacousticpanels.com/supplier-32213-wooden-perforated-acoustic-panel>
- <http://enricosalis.wordpress.com/2012/05/19/painel-de-ondas/>
- <http://portuguese.woodacousticpanels.com/sale-1529167-age-resistant-wooden-grooved-acoustic-panel-sound-absorption.html>

Fontes:

- Atas variadas – Boa Esperança Atlético Clube Portimonense
- Livros de registo de sócios – Boa Esperança Atlético Clube Portimonense
- Contratos de arrendamento e de compra e venda das sedes
- Arquivo particular de José Garrancho

Nota:

O texto apresentado não se encontra ao abrigo do novo acordo ortográfico.

Anexos